



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**O VOO DA BORBOLETA: ESCUTA SENSÍVEL, RESPEITO E  
CUIDADO NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUTAÇÃO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

**NATALIA CARVALHO OLIVEIRA**

**BRASÍLIA, 2014**

**NATALIA CARVALHO OLIVEIRA**

**O VOO DA BORBOLETA: ESCUTA SENSÍVEL, RESPEITO E  
CUIDADO NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUTAÇÃO NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho Final de Curso apresentado como condição parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. *Maria Alexandra Militão Rodrigues*.

**BRASÍLIA, 2014**

**OLIVEIRA**, Natalia Carvalho.

**O VOO DA BORBOLETA: ESCUTA SENSÍVEL, RESPEITO E CUIDADO NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL** / Natalia Carvalho Oliveira: Brasília- DF Universidade de Brasília/ Faculdade de Educação 2014.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, 2014. 73 p.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**NATALIA CARVALHO OLIVEIRA**

### **O VOO DA BORBOLETA: ESCUTA SENSÍVEL, RESPEITO E CUIDADO NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA EM MUTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília – UnB, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues.

#### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Alexandra Militão Rodrigues (Orientadora)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Membro)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva (Membro)  
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que me conduziu por caminhos jamais sonhados e almejados anteriormente ao ingresso nesta Universidade. Agradeço por sempre me amparar e fortalecer meus passos nos dias mais sóbrios e felizes, nesta caminhada de fé e solidariedade.

Agradeço minha adorável e amada família, que são as flores mais belas que poderia colher durante minha vida. Meus pais que nunca abafaram meus pensamentos e projetos, muito pelo contrário, a cada queda eles me impulsionavam a olhar além dos meus limites e possibilidades. Aqui quero declarar meu amor a vocês, Sr. José Alvino, meu pai, e Sra. Silvane Fernandes minha mãe. Amo-vos, porque vocês me amaram primeiro.

Meu amor e carinho os meus amigos e amigas que contribuíram em todo processo de formação e aqueles que gritavam para não parar e continuar seguindo, pois, além das minhas forças, existiam as forças de Deus em mim.

Minha fidelidade ao anjo que conheci neste momento da monografia que me incentivou a querer buscar sempre o melhor, e que confiar em mim mesma seria o melhor presente que poderia me dar neste momento.

Saúdo com louvor os colegas da academia que contribuíram na minha formação e para minha constituição como pessoa.

Sou muito grata ao Projeto Autonomia que me fez querer construir pontes grandes, através de inovações possíveis não somente no campo educacional, mas também na construção de uma sociedade, que pode ser mudada com um simples olhar compreensivo para uma criança. É nestes seres pequenos que o mundo começa e termina.

Sou estupidamente agradecida e agraciada pela vida e competência ética, moral, pessoal e profissional da minha orientadora, Maria Alexandra Militão Rodrigues, que com seu jeito de olhar o outro, me mostrou que sempre será possível escutar sensivelmente o outro, aprendendo respeitá-lo como é. Obrigada pela paciência, escuta e solidariedade.

Meu muito obrigada à Universidade de Brasília, que me levou buscar o melhor de mim durante esses anos. Obrigada aos mestres e maestrinas, pela

extensão, os servidores, o espaço físico. Agradeço pela vida que tenho e pelas pessoas que encontrei e que deixei de encontrar.

**Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e a dos anjos, se não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como um címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse caridade, isso nada me adiantaria. A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera tudo suporta. A caridade jamais passará.**

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de oito meses de prática educativa, observações, registros e reflexões com foco na relação pedagógica construída entre educador-crianças e criança-criança do 5º ano da Educação Infantil de uma escola privada do Distrito Federal onde atuei como estagiária. Seu objetivo principal é averiguar de que forma podemos colaborar para uma relação pedagógica que contemple a *escuta sensível*, o *respeito* e o *cuidado*, no âmbito de práticas pedagógicas inovadoras. Para dialogar com esses conceitos, apoio-me nas contribuições teóricas de Freire (2008), Boff (1999, 2012) e Cerqueira (2001), dentre outras. A pesquisa estruturou-se a partir de “regências” e de conversas informais durante a vivência diária com os educandos. Tem como base uma abordagem qualitativa e traz registros do diário de itinerância como instrumento fundamental para se pensar a práxis educativa. Assim, na perspectiva do professor pesquisador da sua própria prática, reflito acerca de alguns episódios vivenciados na relação pedagógica com as crianças, dialogando com os conceitos centrais do trabalho. Por fim, apresento algumas considerações, as quais apontam que uma relação pedagógica permeada por uma postura de *escuta sensível* do educador, bem como pelo exercício diário do *cuidado educativo* e por atitudes de *respeito* pelo outro, potencializa a constituição de sujeitos mais felizes, éticos e solidários.

**Palavra-chave:** Escuta sensível; Respeito; Cuidado; Relação pedagógica; Educação infantil.



## ABSTRACT

This work is the result of eight months of educational practice, notes, records and reflections focusing on pedagogical relationship constructed between teacher-child and child-child of the 5th year of childhood education at a private school of Distrito Federal in which I worked as an intern. Its main objective is to determine how we can contribute to a pedagogical relationship that includes sensitive listening, respect and care as part of innovative teaching practices. To engage with these concepts, I support in the theoretical contributions of Freire (2008), Boff (1999, 2012) and Christopher (2001), among others. The research was structured from "regencies" and informal conversations during the daily experience with the students. It is based on a qualitative approach and brings roaming daily records as a fundamental instrument to think the educational praxis. Thus, the perspective of research professor in their own practice, I reflect on some episodes experienced in the pedagogical relationship with the children, talking with the central concepts of work. Lastly, I present some considerations, which indicate that a pedagogical relationship permeated by a educator posture of sensitive listening, as well as the daily exercise of the educational care and attitudes of respect for others, potentializes the formation of happier, ethical and solidary subjects.

**Keyword:** Sensitive listening; Respect; Care; Pedagogical relationship; Childhood education.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I.....</b>	<b>12</b>
<b>MEMORIAL.....</b>	<b>13</b>
<b>PARTE II MONOGRAFIA.....</b>	<b>21</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....</b>	<b>25</b>
1.1 INSTRUMENTOS.....	26
1.2 CONTEXTO E SUJEITOS.....	27
<b>CAPÍTULO 2- ESCUTA SENSÍVEL.....</b>	<b>29</b>
A BORBOLETA PASSARÁ PELO CASULO: A ESCUTA SENSÍVEL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	29
<b>CAPÍTULO 3- RESPEITO E CUIDADO.....</b>	<b>37</b>
A BORBOLETA PRECISA POUSAR NUMA FLOR SEGURA: O RESPEITO E O CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>PARTE III.....</b>	<b>48</b>
<b>PERSPECTIVASPROFISSIONAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>52</b>

## **APRESENTAÇÃO**

Este trabalho de conclusão de curso divide-se em três partes, quais sejam: meu Memorial Educativo, no qual relato a trajetória educacional que me constituiu como educadora e pesquisadora até o presente momento; a Monografia propriamente dita, em que abordo a importância da Escuta Sensível, do Respeito e do Cuidado na relação pedagógica com crianças no âmbito da Educação Infantil; e finalmente, minhas Perspectivas Futuras.

A Monografia se divide em: Introdução, três Capítulos, Considerações Finais, Referências Bibliográficas e por fim, os Apêndices.

A Introdução traz a questão problema que norteia toda reflexão para desenvolvimento do trabalho, junto com o Objetivo Geral e três Objetivos Específicos.

O Capítulo 1 apresenta a Metodologia utilizada para realização dessa pesquisa, sendo de caráter qualitativo. Nessa parte apresento os instrumentos utilizados e caracterizo o contexto e os sujeitos da pesquisa.

O Capítulo 2 apresenta o conceito de Escuta Sensível, dialogando com alguns episódios recortados da prática pedagógica vivenciada. Nele encontraremos o momento em que decidi mudar minha postura pedagógica.

O Capítulo 3 apresenta os conceitos de Respeito e Cuidado e como estes podem colaborar para a constituição do ser humano criança, por meio das relações pedagógicas vivenciadas. Alguns episódios registrados no diário de bordo são revisitados e refletidos à luz dos aportes teóricos.

Em seguida apresento as Considerações Finais, com alguns argumentos e reflexões para esse momento em que finalizo um ciclo e penso em questões que acompanharam a minha prática pedagógica inovadora dentro da escola e fora dela, aprendendo e ensinando em todos os espaços educativos.

## PARTE I

## **MEMORIAL**

### **A estrela brilhou quando chorei**

Recordar o passado para mim neste momento é a realização de um sonho. Nasci na cidade de Tuntum-MA no dia 24 de Dezembro de 1992. Era noite de natal e naquela noite minha mãe sentiu o prazer de conhecer uma pessoa maravilhosa. Minha família é considerada tradicional, com valores que se perpetuam em minha caminhada até hoje. O fato de ter nascido na véspera do nascimento de Jesus me renderia bênçãos exuberantes. Tive uma infância maravilhosa: corria na rua, brincava na terra. Passei a maior parte da infância na presença da minha avó materna, cujo processo de alfabetização pude acompanhar.

Meu jardim de infância foi maravilhoso, tinha uma professora muito atenciosa, amorosa, carinhosa, que contribuiu para o processo de construção como pessoa e como futura educadora. Ia para escola com minha irmã e todo o dia tinha a hora da bandeira, antes de entrarmos na escola cantávamos o hino nacional. Minha professora tinha práticas tradicionais, não havia rodinha de conversa, e nem momentos que poderíamos partilhar algo do nosso dia a dia ou do final de semana, porém sua atenção e dedicação superavam seu descaso em atender algumas demandas que fazíamos.

Na pré-escola então chamada de 1ª série no Maranhão, comecei fazer exercícios continuamente: tinha um caderno de caligrafia que me rendeu uma letra redonda e afinada, porém não brincava e nem pude descobrir os prazeres que uma criança encontraria naquele momento de convivência com o mundo. Gostava quando conhecíamos personagens de histórias infantis e quando falávamos dos desenhos animados.

### **Cheguei a Brasília**

Cheguei a Brasília, e agora? Pois é, vim me aventurar com meus pais na capital do país. Confesso que a transição foi um tanto dolorosa, tive que deixar minhas coleguinhas de infância, meus avós maternos, primos, tios. Mudamos para

cá, porque meu pai buscava uma vida mais estabilizada, e na época eu sofria com um dedo que já tinha passado por diversas cirurgias e não havia solucionado o problema. Então, tive que interromper o ano letivo em outubro e acabei indo direto para 3ª série. Cursei parte do meu ensino fundamental em Sobradinho numa escola chamada “Queima Lençol” e a outra parte na Ceilândia, onde resido até hoje. Entre idas e vindas, fui me acostumando com o clima de Brasília. Apesar de sentir saudades de correr ao ar livre, subir em árvores e estar sob os cuidados da minha avó materna, o ar daqui me fazia bem.

### **E a escola?**

Como mencionei, ora estava em Sobradinho, ora na Ceilândia. Conheci pessoas incríveis no meu Ensino Fundamental I: meus colegas gostavam muito de participar das atividades que propunha a eles, meus professores sempre me tiveram como uma ótima aluna e meus pais acabaram se acostumando com as medalhas de “Honra ao Mérito”. Passei momentos maravilhosos e alguns tristes nesta primeira fase. Recordo-me que minha professora não aceitava o fato de eu errar algumas vezes, ela sempre me chamava atenção, e não gostava que errasse porque segundo ela, eu era a melhor da turma. Esse sentimento de liderança acompanhou meu processo formativo no Ensino Fundamental I. Depois veio o II a diversidade de professores e matérias deixava-me encantada, gostava muito de ir à escola e fazer os trabalhos. Sempre me destaquei por querer tirar notas boas e por deixar meus colegas opinarem sobre aquilo que deveríamos resolver. Confesso que na maioria das vezes eles me deixavam bem à vontade e eu acabava fazendo os encaminhamentos dos trabalhos.

No Ensino Fundamental II não gostava das aulas de inglês porque na época fazia francês no Centro Interescolar de Línguas, então a língua inglesa nunca foi um atrativo para aprender. Por mais que meu professor se esforçasse, existia algo dentro de mim que não aceitava as aulas, mas respeitava meu professor que por sinal era ótimo, ele levava sempre uma alternativa a fim de tornar as aulas interativas e interessantes. Nessa época sempre era representante de turma, sendo que os critérios não eram os mais justos. Geralmente escolhiam aqueles alunos que tiravam boas notas, tinha um bom comportamento, que era caracterizado pelo empenho nas atividades e cumprimento das regras de convivência. As aulas de que

mais gostava eram de ciências e português, minhas professoras eram maravilhosas, elas incrementavam as aulas com pequenas conversas no decorrer da semana. Conheci pessoas maravilhosas nesta fase, e convivi com pessoas que tinham um futuro infelizmente marcado por uma sociedade que não dava voz aquelas pessoas que não nasceram com um leque de oportunidades. Eu sempre conversei com todos na escola, tratava bem desde porteira até a servidora da limpeza, porque descobri que a escola não é feita de professores e alunos, a escola é feita de gente que todos os dias tem uma história de vida para contar, nem que seja pelo olhar.

### **Cadê você Ensino Médio?**

Novo mundo, novas pessoas, novas oportunidades, novos amores, novas expectativas. A maioria das jovens de 15 anos pensam assim do seu Ensino Médio e comigo não foi diferente. Cursei no Centro de Ensino Médio 12 de Ceilândia, escola modelo para passar na UnB. Comecei cursar as aulas, me dediquei como podia, fiz amizades que levo até hoje. Meus professores eram nota mil, sempre me impulsionavam a buscar o melhor diante das adversidades da vida. Continuei sendo boa aluna, porém tinha um foco que era conquistar uma vaga na universidade.

As aulas mais divertidas eram de história da arte, artes, produção de texto e matemática. Meus professores colaboravam para uma boa convivência. Todo ano retratávamos uma obra que cairia no PAS (programa de avaliação seriada), o qual poderia garantir uma vaga na UnB. A escola toda se movimentava, era muito bom, íamos para o auditório apresentar a obra para outra turma e nos empenhávamos. Ali buscávamos uma verdadeira solidariedade, pois a mesma nota recairia sobre todos, ninguém tirava uma nota maior que o outro. Para mim isso significava trabalho em equipe.

Um episódio maravilhoso aconteceu em uma das aulas de artes: minha professora tinha se ausentado, então fizemos a festa. Um colega havia levado um violão e outro um pandeiro e começamos cantar a música “Pensando em Você”, de Roberto Carlos. Como fiquei alegre! Parecia que estava fazendo algo fora da lei. Porém, quando a “dinamarquesa” chegou, a nossa liberdade foi extinta e as advertências reinaram para todos. Naquele momento senti uma paz interior grande, parecia que lavava a alma porque alguns colegas achavam que era impossível uma aluna querida pelos professores consentir com tamanha extravagância.

Conforme iam avançando os meses, eu fui descobrindo pessoas e sentimentos no espaço escolar. Nas aulas massacrantes de filosofia, a infelicidade passou a conviver lado a lado comigo. Certa vez fiquei estupidamente frustrada e humilhada, porque o professor relatou sua visão ateia sobre os pensamentos de grandes filósofos, fazendo que meu sentimento de revolta viesse à tona. Acabei levantando da cadeira depois de uma breve discussão. Refleti que eu não era tão inocente como aparentava e que poderia opinar quando necessário. O pior desse acontecimento foi o sentimento de desrespeito por não conseguir permanecer ouvindo-o, e ainda presenciar lamúrias de uma escolha frustrada da profissão.

Eu não saí da sala porque sou cristã, muito pelo contrário, segundo os mandamentos da minha religião devemos amar nosso próximo como às mesmo. Após saí naquele momento porque meu professor teve a indelicadeza de falar de algo pessoal e que lhe frustrava, sem levar em consideração que ali estavam presentes diversos pensamentos e que uma conversa sobre o contemporâneo seria riquíssima se tivesse existido escuta. Eis a grande questão de uma educação que pode ser comprometida e marcada pelo descaso: quando não fui escutada por ele, tive a sensação que eu não tinha voz, sentia que era mais um objeto concreto que enfeitava a cena.

As aulas continuaram e ele mudou de escola. Fiquei triste porque perdi a oportunidade de aprender assuntos interessantes com ele. Apesar de tudo, era uma pessoa aparentemente de bem com a vida, sempre me perguntei como seria se ele tivesse permanecido. Infelizmente, nossa troca de experiências ficou comprometida.

## **Saudade**

Nunca gostei de despedidas, na verdade fujo delas até hoje. O sentimento de saudade me faz sentir que perdi algo que foi muito bom e pude desfrutar do momento como deveria. Chegou então o grande dia da “Aula da Saudade”. Fomos para uma sala com o professor de Sociologia e começamos a pensar como seria nossa vida a partir do Ensino Médio. Ouvimos música e no decorrer dela íamos mergulhando num verdadeiro oceano. Lembro-me que meu professor narram uma história de pegadas na areia. Eu chorava muito porque tinha que expressar sentimentos de alegria e tristeza e olhar para um futuro que me aguardava. Naquela hora imaginei como seria o futuro, se teria família, filhos e qual



a profissão que me traria satisfação, felicidade, e para quem iria oferecer meus serviços.

Certa hora fiquei de frente com um grande espelho e comecei a falar dos meus medos e anseios. Falava que tinha medo de não ser uma pessoa importante na vida daqueles que acreditavam em mim, tinha medo também de não ser feliz.

O que seria felicidade para quem estava saindo do Ensino Médio? Falei que felicidade era construir uma família, ser modelo de santidade para aquelas pessoas que convivessem algum tempo comigo, conseguir ser uma boa profissional e ter sucesso acadêmico. Chorei bastante ao ouvir que algumas das minhas amigas gostariam de simplesmente ter paz na família.

A aula continuou e eu agradei meu professor pela dedicação, por tentar mostrar que poderia sonhar, e que existia um mundo fora de mim que dependia da minha contribuição, a fim de tornar as pessoas melhores. Então terminei minhas reflexões sobre meu futuro, dizendo que não sabia para onde iria e nem o que iria encontrar, mas que não importava o caminho que fosse fazer: se ele me conduzisse para um lugar onde as pessoas ficariam felizes com minha presença, seria o suficiente na conquista da felicidade.

Meu baile de formatura foi na semana seguinte, um dia que nunca deveria ter acabado. Estava radiante, parecia que toda dedicação de anos se concretizava naquele instante. Meus pais olhavam para mim e contemplavam a felicidade de serem abençoados por Deus. Comemorei com meus melhores amigos, brindamos minha vitória e pedimos para Deus abençoar minha prova do vestibular da UnB que seria no dia seguinte.

### **UnB pra quê?**

Esse foi o lema da minha calourada. Como havia mencionado anteriormente, fiz minha prova do vestibular horas depois de uma noite linda vivenciada no baile de formatura. Naquele dia eu veria o resultado das minhas escolhas.

Tudo começou quando estava no Ensino Médio e cursava francês. Influenciada pelo ambiente externo, decidi cursar Letras-Francês. Mas algo me colocaria de frente com a Pedagogia e assim aconteceu. Um belo dia, na escola, comentava com os professores sobre profissões e acabei falando que gostaria de

saber como se sentia alguém ao encharcar os olhos por contribuir para a descoberta de conhecimento do indivíduo. Eu só conseguia pensar nas crianças, nos jovens, nos adultos e como poderia colaborar com amor, carinho, alegria, solidariedade, sensibilidade, escuta. Apesar dos meus professores declararem que eu ia passar fome, que nesta profissão não seria reconhecida pelos meus esforços, que ia ficar louca antes do tempo. Eu aceitei o desafio, porque essa era a visão deles e mesmo que estivesse certa ou errada, nunca saberia se não arriscasse.

Para decepção do meu pai, ao escolher Pedagogia era como afrontá-lo no seu campo de batalha, pois ele sonhava com um diploma que contemplasse medicina ou advocacia. Mesmo sofrendo por ir contra as opiniões que para mim tinham um valor impagável, eu deveria cortar meu cordão umbilical e sofrer pelas minhas escolhas.

Ingressei na UnB no primeiro semestre de 2011, depois de sofrer um golpe agressivo e covarde do ponto de vista humano. Estava às 8:00 da manhã no Centro Comunitário Athos Bulcão na recepção dos calouros, com muito medo daquilo que encontraria pela frente, porém muito feliz por ver na minha frente um leque de oportunidades. Naquele dia uma caloura me destratou pela minha cor de pele. Falava que não era digna de conviver no mesmo ambiente que o seu, pois as pessoas de sua cor eram bem sucedidas. Confesso que queria esquecer esse dia, mas tive que abordá-lo porque o choro daquela semana foi decisivo no processo que trilhei dentro da UnB.

Depois de uma semana chorando sequei as lágrimas e fui ao encontro dos meus colegas de curso. Comecei a frequentar as aulas, por sinal uma disciplina que até hoje me marca e traz sentimentos de satisfação pessoal, no desenvolver da minha formação, Oficina Vivencial. Ela trazia consigo um mundo de conhecimento acadêmico, pessoal, profissional e sentimental. Era como se tudo fizesse sentido. Lembro-me que sempre partilhávamos nossos sentimentos do dia. Não importava se algo ia sair do comodismo dos conteúdos: a marca que a vida nos deixava era mais importante do que cumprir grade horária.

Neste período conheci pessoas maravilhosas que levarei para vida toda. Apreendi a escutá-las e amá-las de forma singular. Foi na relação interpessoal com o outro que sobrevivi às piores crueldades de pessoas que não julgam seu interior, sem perceber primeiro o que seu exterior pode oferecer. Continuei o semestre até conhecer projeto três sendo ele descrito pelo nome “Práticas Pedagógicas

Inovadoras” com a Fátima Vidal. Ali eu começava trilhar um caminho de satisfação e tropeços que na frente traria um grande acerto. No primeiro momento fui adentrar neste universo de descobertas teóricas do que seria o projeto. Confesso que fiquei assustada, pois no primeiro momento tive que abrir minha mente engessada por uma educação tradicional, para sensibilizar-me com uma autonomia conquistada por alguns.

Nunca imaginei que poderia existir uma escola que escutasse a demanda dos alunos, que poderia sonhar além dos seus muros. No projeto três pude vivenciar uma realidade humanitária que faria toda diferença na minha formação. Logo entrei no PEAC “Diálogo com Experiências Educacionais Inovadoras” – conhecido como Projeto Autonomia – que é um projeto de extensão relacionado com projeto 3 Práticas Pedagógicas Inovadoras. Neste intervalo quebrei o dedo do pé e fiquei imobilizada, impossibilitada de continuar minha trajetória. Nesse período fui refletir sobre minhas possíveis práticas pedagógicas e o que faria com meu diploma, a partir daquilo que ouvia e gravava no coração. Continuei o semestre diante de algumas indagações, entre elas como poderia sugerir e propor algo inovador nas escolas públicas do Distrito Federal. Foi então que depois de um ano no Projeto Autonomia, que era casado com Projeto 3, conheci a Escola Classe Jardim Botânico. Nunca imaginei que tentar sensibilizar e conscientizar colegas de profissão fosse tão desafiador. Confesso que pensei em desistir no primeiro contato, pois estava querendo presenciar e vivenciar mudanças e na maioria das vezes fui silenciada por um sistema que busca resultados e perde cidadãos que buscam uma sociedade mais igualitária e humana.

Fiquei um ano e seis meses no Jardim Botânico e aprendi muito neste período com as crianças, elas eram incríveis! Certa vez realizamos um dia de oficinas que partiram do interesse das crianças em participar. Eu tinha uma parceira no projeto que me auxiliava na busca do novo. Naquele dia eu e Raquel estávamos frente a frente com 27 crianças que estavam sendo olhadas por um olhar sensibilizador. Levamos brinquedos e começamos uma oficina de “Contação de Histórias”. Nesta roda de conversa e brincadeiras, as crianças iam pegando um objeto na sacola e contava a história, a partir dele. No segundo momento que aconteceu em outro dia ficamos com as brincadeiras. Essas lembravam o tempo dos nossos pais. As crianças estavam empolgadas, agitadas e com expectativa grande de poder voar.

Não adentrei o Jardim Botânico para apontar o que estava certo ou errado. Aceitei esse desafio porque acredito num processo de construção do conhecimento, sendo que solidariedade, respeito e escuta devem andar lado a lado. Eu gostaria mesmo era que toda escola repensasse a sua prática e enxergasse que os alunos podem escolher algum caminho para trilhar com o incentivo e ajuda de toda equipe pedagógica.

O que fiz com o Projeto Autonomia? Essa pergunta não pode ser respondida em poucas linhas. Vou além do sentimento que tenho de que nem todos os livros do mundo poderão substituir a troca de olhares que tivemos durante esses anos. Coloquei minhas experiências numa caixa de surpresas, que pode ser reaberta e refeita o tempo inteiro. Aprendi que não existe algo engessado, aprendi a olhar nos olhos e considerar que atrás deles existe uma bagagem de histórias e oportunidades, pois cada pessoa tem por excelência a missão de permitir que as outras possam encontrá-la. Não consigo imaginar alguém que não queria transformar um pouco daquilo que a rodeia. No Autonomia aprendi a ser gente, aprendi a silenciar meus desejos para escutar o desejo do outro.

Sabe quando você acha que já vivenciou de tudo na universidade e aí acaba debaixo de uma árvore em plena quinta-feira à tarde? Então, isso aconteceu comigo, fiz uma disciplina sensacional no meu penúltimo semestre na UnB, chamada “Oficina de Formação Professor-Leitor/Escritor”. Nela descobri que não importa aonde você chegou, o importante é abrir-se as novas oportunidades, fazendo de cada encontro com o outro e com a natureza uma possibilidade de enriquecer a alma.

Percebo que minha alma de educadora necessita de amor e cuidado que ficará completa quando nas minhas práticas cotidianas olhar as crianças como seres em potencial, que tem o direito de ser escuta e atendida nas suas necessidades. A minha trajetória no curso me instiga lutar por uma educação inovadora que tem como a escuta sensível percussora na construção da responsabilidade pelo outro.

## **PARTE II- MONOGRAFIA**

## INTRODUÇÃO

Ao encontrarmos escolas que acreditam numa nova forma de educar e que proporcionam às crianças liberdade de expressão, reconhecemos um processo de humanização e valorização do outro, num contexto do respeito e da solidariedade.

A valorização do pensamento dos estudantes nos dias de hoje é cada vez menos considerada, o que ocorre também na Educação Infantil, onde as crianças são pouco olhadas na sua singularidade. Constatei essa falta de sensibilidade no olhar em direção às crianças, durante o estágio obrigatório da universidade, por parte dos professores da escola escolhida para realização do mesmo.

Percebi que os questionamentos das crianças eram rejeitados pelos professores, pois presenciei diversas vezes as crianças chegando plenas de emoções, querendo relatar algo que aconteceu no dia anterior após a aula, ou que chamou sua atenção no decorrer dela, porém seus professores acabavam menosprezando sua expressão, não apresentando assim, nenhum interesse por elas.

Ao ingressar na escola atual como estagiária remunerada, presenciei vários momentos similares a esses do estágio obrigatório. Penso que a postura de alguns professores, ao serem passivos nos momentos espontâneos relatados ou vivenciados pelas crianças, acaba afastando-as das possibilidades de comunicação expressiva no convívio escolar, silenciando suas vozes.

Fui constatando, ao longo das observações no estágio obrigatório e agora como estagiária regente, que olhar e dar voz ao outro sempre será um exercício que deve ser feito com uma dedicação e cuidado que infelizmente estão sendo perdidos ao longo da carreira dos profissionais da educação. Para Cerqueira (2011, p.20):

A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais. Ela propicia uma maior aproximação destes sujeitos que se relacionam. A escuta proporciona o reconhecimento do outro, a aceitação, a confiança mútua entre quem fale e quem escuta.

A escuta neste sentido pode colaborar na relação pedagógica, contribuindo no desenvolvimento das crianças. Ao escutar damos ao outro o direito de ser compreendido sem um pré-julgamento que pode silenciar aquele que busca

ser olhado e entendido naquele momento. Na maioria das vezes, acabamos silenciando nossas crianças, por não termos tempo de escutá-las, de olhá-las, de compreendê-las.

O respeito pode ser vivenciado no momento que considero importante o que o outro está sentindo ou vivendo. Na maioria das vezes interligamos respeito com autoridade ou cumprimento de regras. No olhar do professor sensível, ele representa um tempo entre o acontecido e o que poderá significar na vida da criança. Por exemplo: se uma criança diz que não quer executar certa atividade naquele momento, devemos respeitá-la, pois algo nela a impede de seguir; depois de um tempo procuramos mecanismos de trazê-la para perto, como atitude de compreensão. Esse respeito influi para que tenhamos uma educação democrática, onde o cuidado pode colaborar para as atividades realizadas pelos alunos. Por meio do cuidado podemos notar como a criança está se constituindo. O cuidado demonstra a consciência de querer fazer o bem para mim e para o outro.

Por que os professores infelizmente não escutam seus alunos e suas demandas? Esse questionamento está sendo recorrente nos meus estudos, contribuindo também para repensar minhas intervenções como futura educadora. Diante dessa indagação e das práticas vivenciadas, constatei que os estudantes estão cada vez mais carentes de atenção, necessitando de educadores que estendam suas mãos para potencializar seus sonhos e questionamentos.

Vejo em muitas realidades que a maioria das vezes os educadores estão desenvolvendo práticas educativas mecanizadas, não assumindo sua parte como colaboradores e agentes participativos na constituição dos estudantes.

Destaco a escuta sensível neste contexto porque através dela podemos abrir um leque de oportunidades para exercer o respeito e cuidado, de que todos no ambiente escolar necessitam. Essa temática desencadeou a construção da seguinte questão:

Como a escuta sensível, o respeito e o cuidado, podem contribuir para uma mudança na relação pedagógica entre professor-aluno e aluno-aluno, ressaltando a contribuição do outro nas relações interpessoais?

Diante desta questão norteadora, podemos destacar o objetivo geral deste trabalho:

- Investigar como a escuta sensível, o cuidado e o respeito podem contribuir no processo de mudança da relação pedagógica em uma Educação Infantil inovadora, potencializando a expressão plena do outro.

Os objetivos específicos são os seguintes:

- Investigar como a escuta sensível pode estreitar a relação do professor com as crianças e delas entre si;
- Apontar como o cuidado e o respeito com o outro podem potencializar as relações pedagógicas professor-criança e criança-criança;
- Averiguar como o professor pode colaborar com dispositivos pedagógicos inovadores que contribuam para a valorização dos seus alunos.



## CAPÍTULO 1 – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O trabalho desenvolvido segue uma abordagem qualitativa, tendo a autora como agente ativa e colaborativa no processo da pesquisa. Segundo Rey (2002, p.111):

As pesquisas qualitativas não atendem a um foco central, definido em forma de hipóteses, mas seguem as necessidades e demandas que se criam no processo de conhecimento e levam a construções teóricas cada vez mais abrangentes para construir interações e configurações do assunto estudado, muito além de qualquer evidência empírica suscetível de ser registrada em forma de dados.

Como pesquisadora e sujeito implicado com a mudança da realidade vivenciada, adotei a metodologia de pesquisa-ação, segundo (ARDOINO, apud BARBIER, 2007, p.106):

A pesquisa-ação visa à mudança de atitudes, de práticas, de situações, de condições, de produtos, de discursos... em função de um projeto-alvo que exprime sempre um sistema de valores, uma filosofia de vida, individual e coletiva, suposta melhor do que a se preside à ordem estabelecida.

Desta maneira o processo inicia-se com a possibilidade de mudanças na perspectiva do professor reflexivo, valoriza o diálogo entre a teoria e a prática, podendo ser repensado e avaliado a todo momento. Ainda de acordo com Barbier (2007, p.107):

Por meio de sua ação de mudança, a pesquisa-ação remexe no “lodo” do social. Não se trata para ela de fazer agitação sob pretexto de análise, como em certas formas de socioanálises institucionais...Mas ela não poderia ser concluída sem levantar em certo numero de questões incômodas para a ordem estabelecida, inclusive no seio de seu próprio processo.

Esse método possibilita repensar minha conduta como professora na relação pedagógica com as crianças, a partir de uma prática que busca escutar, respeitar e cuidar dos sentimentos e expressões presentes na singularidade de cada sujeito em ação.

## 1.1 INSTRUMENTOS

O instrumento principal da pesquisa foi o diário itinerante, que representa a possibilidade de registrar a experiência vivida, revisitá-la posteriormente por meio do diálogo com a teoria, e assim refletir mais profundamente acerca do processo vivenciado. De acordo com Barbier (2002, p. 80):

O instrumento é uma ferramenta interativa, não uma via objetiva geradora de resultados capazes de refletir diretamente a natureza do estudado independentemente do pesquisador. O instrumento é suscetível de multiplicidade de usos dentro do processo investigativo, que não se limitam às primeiras expressões do sujeito diante dele.

Utilizei fragmentos do meu diário itinerante, que para Barbier (2002) exerce uma função de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo. O diário itinerante permite uma melhor leitura e releitura do trabalho desenvolvido, é uma forma de retornar e repensar o tempo todo sobre a práxis da professora-pesquisadora na escola. Ele permite uma escrita narrativa e descritiva, na perspectiva também da interpretação dos fatos, relações e vivências da educadora, contribuindo para reflexões e elaboração de intervenções posteriores relacionadas aos momentos de interação pedagógica do cotidiano e às dificuldades durante as regências.

Esse diário itinerante foi construído a partir de observações e relatos da autora deste trabalho com crianças da Educação Infantil de uma escola privada do Distrito Federal e de algumas discussões vivenciadas durante as reuniões do Programa de Extensão Continuada: Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras, assim como de autores estudados durante o Projeto 4, Prática Pedagógicas Inovadoras e outros mais recentemente consultados.

Os trechos do diário estarão em sua totalidade nos Apêndices. Os nomes utilizados durante os relatos foram alterados por sigilo, comprometimento ético e acadêmico, na preservação da identidade e não exposição dos sujeitos envolvidos. Ao longo da transcrição das notas do diário de bordo, o texto original sofreu por vezes pequenas alterações, em função do diálogo com as reflexões teóricas construídas.

## 1.2 CONTEXTO E SUJEITOS

A escola escolhida para realização da pesquisa fica situada numa cidade-satélite do Distrito Federal, sendo da rede particular de ensino. As crianças são filhas de pessoas relacionadas ao comércio e prestação de serviço terceirizado. São crianças de classe média ascendente. A escola tem quatro anos de fundação. Ela atende estudantes de três aos cinco anos e o 1º Segmento da EJA (Ensino Fundamental I). As aulas na Educação Infantil duram 4 horas e 30 minutos por dia, sendo que os alunos entram na escola 07h15min e saem 11h45min.

O quadro de profissional conta com: oito Professoras, nove Estagiárias, uma Coordenadora Pedagógica, uma Orientadora Educacional e um Monitor. Por atender 174 crianças.

A estrutura física da escola comporta: Quadra de Futebol, Área Verde, Salas de Informática, Cozinha, Refeitório, Parque Interno e Cinco Salas de Aula divididas em cantos temáticos, sendo eles: mercadinho, salão de beleza e cantinho da leitura.

A turma escolhida para essa pesquisa-ação abriga vinte e três crianças, uma professora regente e uma estagiária. O cotidiano da turma acontece no sistema de rotina, identificada em um quadro na parede e assim organizada: rodinha, atividade, hora do lanche, escovação, atividade, parque, arrumação, saída. Essa rotina funciona como uma referência, podendo ser mudada de acordo com o planejamento semanal.

Ingressei nesta instituição em março de 2014, a princípio sem motivação alguma para possíveis mudanças. Comecei a observar o ambiente em que estava inserida e a recordar minhas práticas educacionais inovadoras vivenciadas no estágio obrigatório. A partir de março de 2014 fui observando as relações pedagógicas durante dois meses e constatei que não era nada daquilo que havia vivenciado ao longo da minha formação. Então resolvi mudar minha postura e começar a realizar algumas intervenções.

Fui caminhando com as crianças nas pequenas folgas que encontrava na rotina. Minha condição de estagiária na instituição me permitia inicialmente assumir a regência uma vez por semana, por até uma hora e trinta minutos. Posteriormente,

passsei a ter maior mobilidade, podendo tomar a iniciativa de levar contribuições e realizar atividades com as crianças, em companhia da professora.

Em agosto comecei realizar regências. Essas aulas me davam uma liberdade de realizar o que essa pesquisa necessitava. O registro do diário de campo se deu durante a realização das regências, porém com uma seleção de episódios significativos relacionados ao tema deste trabalho.

A estruturação deste trabalho contempla dois capítulos, no decorrer dos quais a experiência vivida dialoga com os conceitos de escuta sensível, cuidado e respeito.

## **CAPÍTULO 2 – ESCUTA SENSÍVEL**

### *A BORBOLETA PASSARÁ PELO CASULO: A ESCUTA SENSÍVEL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL*

Esse capítulo visa averiguar como a escuta sensível na educação infantil pode colaborar para a valorização da criança, sua expressão verbal e corporal, bem como questionamentos no cotidiano da sala de aula, diante do olhar do professor e das outras crianças nas relações interpessoais. Parto de recortes dos meus relatos feitos no diário itinerante. E irei apoiar-me em Barbier (2007), Cerqueira (2011), Freire (2008) e outros autores que desenvolvam reflexões acerca desse tema.

A escuta sensível tem como característica reconhecer o outro e sua forma de expressão. O corpo, por exemplo, pode relatar muito mais do que milhões de palavras ensaiadas. Segundo Barbier (2007, p.94) “a escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado”. Escutar sensivelmente a criança implica em dar espaço para que ela se invente e reinvente no seu processo de descobertas, será também, desenvolver uma relação pedagógica centrada nas crianças, em comunicação atenta e sensível à sua expressão, sentimentos, vontades, curiosidades, etc. Não é responder as perguntas com frase de efeitos, ficar atento aos mínimos detalhes, olhando-a nos olhos e deixando que se manifeste em relação ao que está sendo dito.

Para a criança o professor será uma figura de referência nas relações dentro ou fora da escola. Diante disto podemos salientar que um dos papéis do educador será escutar, gastar tempo com as demandas das crianças, valorizar sua fala, não interpor sua opinião à dela. A criança deverá perceber segurança em sua relação com o educador que lhe permitir se manifestar e até mesmo errar sem que seja punida ou julgada.

Por outro lado a criança, ao identificar no seu educador uma figura que não permite aproximação, poderá transferir esse sentimento às outras crianças, tomando para si a conduta do distanciamento. Um educador que não está aberto ao

diálogo com seus educandos, não deverá exigir um comportamento amável por parte dos mesmos.

Percebo que o professor de hoje apropria-se do autoritarismo em sala de aula por medo ou receio de perder sua voz ativa. Uma prática recorrente de alguns professores é a exposição de um aluno quando algo acontece fora do seu controle, encontrando assim uma forma de intimidar os demais. Freire (2008, p. 122), discorrendo sobre as concepções de práticas do professor, ressalta:

Na concepção autoritária, a preocupação do educador está na fixação dos conteúdos da matéria, desprezando os conteúdos do sujeito. Na concepção espontaneísta, o peso maior está nos conteúdos do sujeito, não dando a mesma importância aos conteúdos da matéria. Na concepção democrática, os dois conteúdos são ferramentas básica, vitais, para a construção do conhecimento.

Quando cheguei à escola no começo do ano letivo não tinha noção como seria essa nova jornada. Anteriormente, no período do estágio-supervisionado, tinha convivido com crianças do Ensino Fundamental I, mas agora começaria trabalhar com Educação Infantil. Nesse momento acabei passando por um processo de engessamento, durante o período de adaptação desta nova fase.

As crianças nunca tinham ouvido falar em dispositivos pedagógicos como combinados, a palavra de ordem era “regra”. A professora não as deixava à vontade para expressar seus sentimentos, emoções, pensamentos, indagações. Sua conduta inibia a voz e expressão corporal das crianças. Fui tentando desconstruir uma pedagogia autoritária, para tentar construir uma pedagogia sensível que contemplasse valores como respeito e cuidado, juntamente com a escuta sensível.

Comecei a refletir, depois que fiquei dois meses observando calada, acerca de algumas posturas pedagógicas que iam contra as teorias e práticas que defendo e acredito, que contemplam: respeito, cuidado, escuta, solidariedade, responsabilidade e autonomia. Tomei a decisão que a “hora do conto” - esse momento fazia parte da rotina nas - aulas seria a oportunidade que teria para reinventar práticas pedagógicas de acordo com os interesses das crianças.

No primeiro dia sentei com todas as crianças no chão da sala formando uma roda, elas olharam umas para outras com expressão de estranhamento.

Apresentei para elas o dispositivo pedagógico que poderia colaborar e melhorar nossa convivência, esse chamaríamos de “combinados”. E eles serviriam para expressarmos o que poderia ser feito ou não no cotidiano escolar.

Posteriormente apresentei o dispositivo da “escuta”. Nessa hora eu levantei a mão e pedi licença, sem sucesso. Respirei e como sabia que não seria possível continuar, tive que alterar um pouco o tom da voz e novamente pedi licença para falar. As crianças entenderam que era necessário um diálogo.

Expliquei que precisávamos aprender escutar, porque cada um tinha algo importante para relatar, porém se todos falassem ao mesmo tempo, ficaria difícil conversarmos. Apresentei minha mão e pedi que cada um apontasse a sua mão na direção vertical e depois começasse a sacudir no ar em movimentos circulares. Sugeri que esse fosse nosso sinal para entendermos que alguém deseja falar e os outros fariam silêncio como resposta. Ao ouvir, todos concordaram e começamos um árduo processo de mudança.

No decorrer das adaptações adotei a frase: - *Estamos falando alto*. As crianças passaram a significar isso. Muitas vezes quando levantava a mão, algumas gritavam: - *Gente, a professora quer falar*. Eu sempre levantava a questão que não precisava gritar para que o outro prestasse atenção, era preciso somente perceber o sinal e silenciar, pois com o passar do tempo todos aprenderíamos a silenciar como sinal de respeito ao outro. Continuei explicando: - *Assim que todos silenciarem, entendermos que alguém deseja falar e ser escutado*.

O processo de mudança estava dando certo, mas não contava com meu abafamento no decorrer deste percurso de implementação. A professora regente acabou voltando da licença maternidade o que contribuiu para esse esfriamento, pois ela chegou com seus métodos tradicionais. Fui conquistando meu espaço, porém ora encontrava liberdade para realizar algumas intervenções, ora encontrava um enfrentamento por indisposição em apoiar-me na execução de algumas atividades e no assumir de outras posturas e valores.

Tinha dias que as crianças ficavam confusas, pois eu escutava e dava liberdade para realizarem seus desejos, mas a professora na maioria das vezes começava a interromper com pedidos de silêncio e gritando para que as crianças prestassem atenção. Refleti um pouco sobre os acontecimentos diários e repensei minhas práticas pedagógicas em relação às crianças e até mesmo à postura da professora. Então, decidi realizá-las discretamente: passei um mês neste estado,

realizando os combinados sempre que possível e implantando na rotina algo do interesse das crianças, nem que fosse uma conversa informal.

A professora passou a observar minhas intervenções e conscientizou-se que eu não desejava tirar sua autoridade em sala de aula perante as crianças. Percebeu que eu estava ali buscando uma maneira de tornar o ambiente e as relações interpessoais num espaço que permitia ideias inovadoras, valorizando e respeitando o outro na sua singularidade.

Como explicitado na metodologia deste trabalho, os escritos deste diário-itinerante acontecem todas as semanas, a partir das regências por mim realizadas. A proposta inicial dizia que uma vez na semana teria que ministrar uma aula, porém as práticas passaram ser habituais, assim fui conquistando meu espaço na sala de aula, na escola e no coração das crianças. A borboleta estava aprendendo embelezar sua asa dentro do casulo.

A educação infantil desempenha inúmeros papéis que visam potencializar o desenvolvimento da criança. Dentre eles podemos sinalizar que uma das suas funções seria como geradora de descobertas e possibilidades.

Infelizmente presenciamos nas escolas dos tempos atuais uma educação que engessa consciente ou inconscientemente, enraizando as crianças num mundo no qual elas não se reconhecem. Os professores estão perdendo sua essência como geradores de alegria e possibilidades. Assim, desconsideram valores buscando na maioria das vezes o cumprimento de metas e resultados exigidos pela escola, esquecendo-se que existe um indivíduo subjetivo sedento por um olhar compreensivo e acolhedor.

Ao adotarmos uma prática democrática damos às crianças voz ativa dentro da sala, buscando tornar o ambiente escolar num espaço para reflexão, conhecimento, conscientização de si mesmo e do mundo. Destaco uma situação que remete à ação democrática no modo de contemplar as exigências dos conteúdos e do sujeito:

#### **Doce ou Travessura, Respeito ou Amargura?**

A professora me propôs que entrássemos num consenso eu e ela para eleger a melhor receita de doce. Incomodada, questionei com ela o seguinte: - Se os doces são para as crianças, não é mais interessante



deixar que elas escolham? Eu sugiro que façamos uma eleição juntamente com elas para decidimos qual doce faremos aqui na escola. Como todo processo, as mudanças muitas vezes podem ser imprevisíveis. E foi que aconteceu, a professora felizmente aceitou! Antes, ela só trazia o planejamento e executava, agora ela deixou-se surpreender pelo novo que possibilitaria uma relação estreita e respeitosa com as crianças. Após a votação, pensamos na elaboração de um bilhete que solicitaria os ingredientes para confecção do doce. Infelizmente, nesse momento chegou uma notificação da coordenação pedagógica da escola, esclarecendo que íamos ficar alguns meses sem poder realizar culinária na escola. Ficamos chateadas e a professora acabou dando a notícia aos maiores interessados, as crianças. Ficamos tristes, mas nosso dia de sorte estava disposto a nos ajudar: tivemos a ideia, eu e a professora, de convidar os pais para brincarem com seus filhos. Anteriormente tínhamos confeccionado alguns brinquedos como: pé-de-lata, jogo-da-velha, peteca, bilboquê e amarelinha. Perguntamos para as crianças o que elas achavam de convidarem seus pais para brincarmos juntos. Elas aceitaram, adoraram a ideia, então começamos a elaborar o convite para os pais. (Diário de Itinerância).

A professora abriu-se a práticas que não eram usuais - uma votação coletiva para decidir o que iríamos fazer - embora uma determinação da escola tenha impedido a realização da culinária. Por isso nesse dia as crianças foram consultadas se gostariam de convidar seus pais para brincarem com elas na escola, e o grupo aceitou a nossa proposta. No dia em que aconteceram essas brincadeiras, em cada olhar encontrávamos um agradecimento diferente e sincero por parte de todos. A votação, a consulta às crianças e o envolvimento da família na escola corrobora para reafirmar em nós a busca de uma educação democrática que tem como atitude primordial a abertura à escuta sensível.

Freire (2008, p. 56) sobre a concepção de educação democrática, destaca que o processo educativo está sempre no grupo, pois ninguém conhece, aprende e reflete sozinho. Quando o professor olha para a criança com respostas prévias, isso já antecipa a ausência de um possível diálogo. A criança necessita ser escutada para que haja envolvimento no que lhe é proposto. Nesse sentido, a concepção democrática colabora para uma atitude sensível do educador, e cabe ao mesmo decidir que passos ele poderá tomar para envolver a criança individualmente e o grupo. Afirma Freire (2008, p. 103) sobre grupo:

Grupo é o resultado da dialética entre a história do grupo (movimento horizontal) e a história dos indivíduos com seus mundos internos, suas projeções e transferências (movimento vertical), no suceder da história da sociedade em que estão inseridos.

As crianças necessitam de estímulos que permitam seu pertencimento ao grupo e a si mesmas. Assim, encontram no grupo uma forma de expressar-se e contribuir para a construção de laços coletivos.

Nesse contexto, podemos reconhecer dois paradoxos presentes na relação pedagógica em relação à escuta. Por um lado, temos um educador que até procura escutar, mas não considera o pensamento e as indagações daquele(s) que está (ão) falando, ocorrendo assim um silenciamento invisível de quem fala. Por outro lado, notamos aquele educador que escuta e coloca em prática o que está sendo pedido, porém ocorre um estranhamento por conta de quem está falando, por conta de não ser habitual uma abertura à escuta por parte do educador. Na educação infantil essa prática é recorrente. Para Nunes (2007, p. 68):

Uma prática pedagógica baseada no relacionamento é mesclada por sujeitos independentes, com afinidades e habilidades diferentes. Nenhuma prática pedagógica é neutra. Cada uma delas envolve determinados princípios e crenças relativos à concepção de criança infância, à liberdade, à autonomia, à diversidade, aos valores, ao ensinar e ao aprender, entre outros.

Essa prática pedagógica deve permitir flexibilidade ao professor em seu planejamento. Nesse sentido, a neutralidade é invalidada, porque situações atípicas podem ocorrer durante esse processo de aprendizagem. Uma prática que atende o interesse das crianças, pela escuta sensível, necessita que o educador permita o inesperado, pois através dele, as crianças podem desenvolver alguns princípios, como abordado a cima.

Relato sobre a possível flexibilidade em sala de aula e o acolhimento do estranhamento das crianças em relação ao meso. Nesse dia eu ia tinha planejado trabalhar com um pequeno texto, porém a turma estava um tanto agitada e a forma que encontrei para distraí-los e tornar a aula divertida, foi quebrar todos os protocolos:

### **Sol?**

Resolvi subir em cima da mesa para explicar sobre o movimento de rotação e translação. A expressão das crianças me assustou, eles olharam com reprovação no primeiro momento e depois acharam divertido eu dando aula de pé em cima da mesa.

Eu: - Crianças, por que quando eu subi na mesa, vocês me olharam com cara de assustados?

N: - Professora, eu nunca vi isso, e também porque se a outra professora chegar ela vai brigar com você.

Eu: - O que mais?

U: - Eu achei estranho.

Eu: - Por que estranho? Só porque eu não resolvi escrever no quadro? Vocês querem que eu escreva no quadro?

W: - Professora, na verdade eu gostei, achei louco.

Q: - Eu não quero escrever no quadro, quero ficar assim.

R: - E se a professora chegar?

Eu: - Crianças, a outra professora dá a aula do jeito dela. Na hora da atividade vocês fazem do jeito de vocês ou do jeito que eu e a professora pedimos?

R: - Nós fazemos do nosso jeito.

G: - Faz do seu jeito.

Eu: - Esse foi meu jeito de dar aula hoje. (Diário de Itinerância).

Fiquei feliz porque as crianças, depois se encontraram na atividade proposta, cumpriram os combinados e ficaram bem à vontade comigo. A escuta sensível de parte a parte permitiu compreender que há um jeito de cada um, que precisa ser reconhecido e respeitado. Felizmente, a professora não chegou com suas posições arbitrárias para silenciar a turma. Foi um dia agradável.

O educador tem que estender seu olhar. Sua prática deverá ser cheia de surpresas, para as crianças e para si mesmo. Não podemos menosprezar um planejamento prévio, ele é de extrema importância como um eixo norteador, pois o professor tem que ter esse compromisso com seus educandos. Mas temos que aguçar nossa sensibilidade para as particularidades de cada dia, com a intenção de contribuir e agregar valores éticos, morais e sociais, na construção do indivíduo.

Entender a criança a partir de sua realidade é aceitá-la como ela deseja ser compreendida. Seus questionamentos e particularidades devem ser correspondidos na perspectiva da escuta sensível.

Percebo que as crianças estão acostumadas a serem silenciadas em todos os lugares que frequentam ou residem, seja no shopping, na escola, em suas

casas, na rua. É recorrente um habitual “psiu”, dito por aqueles que sentem-se no direito de inviabilizar esse ser que somente precisa de compreensão e acolhimento.

Se vão ao shopping devem fazer silêncio e andar numa linha comportamental ditada pelo seu responsável. Se estiverem na rua e percebem algo que lhes chamam atenção, devem fazer de conta que não viram nada, pois seu acompanhante está apressado demais para dar importância àquilo que não lhe apraz. Em suas casas devem brincar com brinquedos, computador, tablet, celular, pois seus pais estão ocupados demais para gastar tempo com qualquer conversa. Percebo que para muitos pais, o importante é garantir os estudos e o bem-estar de seu (ua) filho (a), neste sentido ser uma criança “boa” é respeitar a vontade de seus pais, sem questionar a falta de tempo com eles.

E na escola? A escola não teria que ser um lugar de mais liberdade? Não quero dizer que o educador deve deixar a criança realizar somente o que ela queira, mas se elas já vivem um abafamento de suas ações e emoções em tantos lugares a escola deveria ser seu campo libertador.

A escola pode ser diferente? Caracterizo a escola quando pensada e vista pelo educador, como um ambiente de trocas, um espaço que colabora para a construção e expressão do pensamento e dos afetos. E como tal a escola sensível desempenha um papel central.

## CAPÍTULO 3 – RESPEITO E CUIDADO

### A BORBOLETA PRECISA POUSAR NUMA FLOR SEGURA: O RESPEITO E CUIDADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As relações cotidianas, tanto na educação infantil como em outros espaços e lugares, deverão passar pelo *respeito*, sem o qual não será possível dialogar com o outro. Ouvimos com frequência as expressões: “*isso é falta de respeito*”, “*devemos respeitar sempre os mais velhos*”. Percebo que, na maioria das vezes, tratamos o *respeito* como uma imposição de autoridade ou a classificamos como falta de educação.

Se buscarmos sua etimologia, percebemos que vem do latim *respectus*, participio passado do *respicere*, “olhar outra vez” de *re-*, “de novo”, mais *specere*, “olhar”. A ideia é de que algo merece um segundo olhar, por ter qualidades que levam a uma atitude de consideração e reverência.

A partir do sentido profundo que nos revela a etimologia desta palavra, apresentamos neste capítulo reflexões relacionadas a episódios recortados do diário de bordo, por meio dos quais discutiremos o *respeito*, e posteriormente, seu entrelaçamento ao *cuidado* nos processos educativos vivenciados com as crianças, na relação dialógica com o outro e consigo mesmas.

Afirma Freire (1998, p. 33) sobre transformar a experiência educativa no seu exercício: “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando”. Assim, um educador que na sua relação pedagógica em sala de aula, não aborda questões sobre *respeito* e não o exerce na sua prática docente, tampouco contribuirá para a formação de um educando íntegro, capaz de exercer valores morais, éticos e emocionais. Quando privilegiamos os conteúdos escolares e em nome deles deixamos de lado a formação emocional e moral, acabamos exercendo o desrespeito em relação ao educando.

Percebo que a necessidade de impor alguma autoridade possa dar ao professor uma segurança e controle de limites sobre a criança. Mas se nos atentarmos à etimologia da palavra - esse “olhar outra vez” - entendemos que a criança necessita ser respeitada pela história de vida que carrega e pelo que expressa

e como o faz nos espaços educativos; e que ao invés de julgá-la e repreendê-la, precisamos estar atentos aos sinais que emite quando sente-se desrespeitada. Muitas vezes, o silêncio imposto a ela configura-se um desrespeito à sua liberdade de expressão.

Quando colocamos os conteúdos ou atividades acima de qualquer outro valor, seja ele moral, social e emocional, apagamos a essência que constitui uma relação de respeito. Na maioria das vezes, nós educadores perdemos a noção do que é respeitar. Por exemplo: Se uma criança deseja assistir um filme, e uma outra no mesmo momento deseja brincar de jogo da memória, o que faremos? Se não “olharmos outra vez”, acabamos impondo uma brincadeira que, a nosso ver, envolva a todos, desrespeitando assim a preferência das crianças.

Não devemos fazer das nossas práticas meras formas esquematizadas de resolver conflitos entre crianças, mas oportunizar a aprendizagem do respeito nas relações entre elas. Se uma criança deseja fazer uma coisa e a outra deseja se aventurar com qualquer outra, a liberdade de deixá-las conhecer seus desejos e interesses deve ser considerada, na busca de conscientizá-las a respeitar o desejo do outro.

Uma criança somente aprenderá respeitar outra criança, quando presenciar uma referência adulta de respeito e consideração por sua palavra. Se o professor a desrespeita, ela também desrespeitará seus colegas. Por outro lado, um professor que apresenta sensibilidade de “olhar outra vez” cuidadosamente, desperta na mesma o respeito por si própria, pelo outro e pelo mundo.

Destaco um episódio do Diário de Bordo que trata sobre essa percepção do outro e de si mesmo na relação pedagógica, na perspectiva do respeito e do cuidado:

### **Respeitar, olhar, esperar!**

O dia começou com muita agitação, as crianças voltaram do final de semana com histórias sobre seus passeios. Estava recortando uns papéis e um aluno veio conversar comigo sobre o Homem-Aranha. Este menino necessita de cuidados educacionais especiais. Ele relatou que seu nome era José o cavaleiro, e que ele tinha que subir as montanhas.

Eu olhei atentamente e expliquei que os cavaleiros também faziam atividades e que estudam nas escolas dos cavaleiros. Continuei pedindo que ele imaginasse que ali era uma escola de cavaleiros e que ele estava

numa aula divertida. Nada feito, ele continuou negando meu pedido, repetindo várias vezes a palavra “nunca”.

Eu: - José, vamos lá, eu vou ajudar você a realizar essa missão.

José: - Nunca, eu sou um cavalheiro, nunca, nunca.

Eu: - Vamos fazer um desenho então, só o desenho.

José: - Nunca, nunca, nunca.

Ele então foi para debaixo da mesa, puxou as cadeiras e ficou lá por algum tempo. Algumas crianças observaram a atitude do colega e insistiram para que ele saísse debaixo da mesa. Nada feito. Eu intervi e pedi que o deixassem ficar um pouco sozinho, porque ele precisava relaxar um pouquinho.

Depois de quinze minutos ele saiu debaixo da mesa e resolveu desenhar sem que eu fizesse nenhum pedido sobre a atividade. Ele me explicou que dentro do castelo tinha um rato que corria atrás do cavalheiro e que seu nome não era José cavalheiro, era só José.

Eu pedi que copiasse o pequeno texto e ele resistiu dizendo que não ia, e foi brincar com um brinquedo que estava no armário, mas esse brinquedo pertencia à turma da tarde. Fui até ele e falei diversas vezes que aquele armário não era nosso e que ele poderia brincar com nossos brinquedos, pois a professora do turno vespertino não ia gostar se encontrasse o brinquedo estragado ou alguma coisa do armário dela fora do lugar.

Ele saiu correndo e não me ouviu. Respeitei seu estado de negação, porém ele pegou o brinquedo e começou a estragar, tive que tomar o brinquedo. Essa tarefa não foi nada fácil, primeiro porque estava indo contra meus princípios e segundo porque o José se jogou no chão e agarrou com as mãos minhas duas pernas. Não tinha como sair daquela situação. Respirei! Os alunos vieram com gosto de gás e gritavam:

- Vamos ajudar a tia, vamos ajudar a tia, solta ela, José!

Como fiquei com medo das crianças o machucarem, pedi que não fizessem aquilo, que o José só estava precisando ficar um pouco calmo. Passei um pouco mais de dez minutos falando com as crianças e José agarrado às minhas pernas. Ele tomou a decisão de ir sentar no seu lugar, eu o deixei livre e não fiz alusão ao acontecimento. As crianças esperavam que eu colocasse o nome do José no “rostinho triste” para ele ficar sem brincar no parque, mas não fiz isso, pois acredito que assim um constrangimento. (Diário de Itinerância).

Nesse dia eu aprendi que nenhuma teoria poderia apagar em mim o que tinha vivenciado. Tive que ir contra mim mesma, pois sou muito impulsiva. Aprendi naquela hora que o José só precisava ficar um pouco quieto e sozinho, e que deveria respeitar seu espaço na sala de aula, mesmo que esse espaço fosse debaixo de uma mesa.

Respeitar nesse sentido pode beneficiar não somente a vontade do outro, mas quando cria-se na sala de aula um ambiente que favoreça o cuidado mútuo, (as

outras crianças que presenciaram a situação, tentando cuidar de mim, e eu preocupada com segurança do José), acabamos constituindo um ambiente seguro e gerador de respeito pelo outro. Uma criança que aprende respeitar a outra, percebe em si que em algum momento também deverá ser olhada respeitosamente.

Ao final do episódio narrado, as crianças solicitaram que colocasse o nome do José no *rostinho triste* para que ele ficasse sem parque. As crianças explicitam a forma que estão acostumadas a serem punidas pela falta de educação, assim vista pela professora. Porém, se tomasse a decisão de colocar o nome do José no rosto triste, não estaria sendo leal comigo mesma e nem com ele, possivelmente o José ficaria mais irritado e não possibilitaria um diálogo posteriormente. Se atendesse o pedido das crianças, estaria desrespeitando minha prática pedagógica, que defende colocar as crianças sempre à frente dos conteúdos e práticas punitivas. Para Freire (1998, p. 123):

O desrespeito à leitura de mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados.

Quando tratamos os educandos como depósitos para receber comunicados, sem perceber o que eles necessitam de atenção e palavras de conforto, acabamos inviabilizando seus sentimentos e emoções.

Do meu ponto de vista, um dos dispositivos pedagógicos elitistas que os educadores usam para inibir as ações dos alunos ou puni-los, é o “rostinho triste/feliz”, “mãozinha pra cima/mãozinha pra baixo”, entre outras nomenclaturas, usadas para inibir as ações espontâneas das crianças.

No episódio a seguir iremos constatar que os alunos, na maioria das vezes, não sabem o por que seu nome está na *carinha triste*, ou na *carinha feliz*.

### **Estou triste, estou feliz! Afinal o que foi que eu fiz?**

Então anunciei:

- Eu gostaria de saber o que cada um sente quando está na carinha triste ou na carinha feliz. Quem for falar, lembre-se dos nossos combinados: um de cada vez, por favor.

Ouvi todos os alunos, deixei-os expressarem suas emoções, sensações e sentimentos. Todos sem exceção relataram que, ao ver seu nome no rostinho triste, sentem que o coração fica pequeno e que fica triste por não poderem ir brincar no parque.



Quando elas veem seu nome na carinha feliz, além de terem a certeza que vão brincar no parque, têm a satisfação de falarem para seus pais que cumpriram os combinados, pois associam o rosto feliz com o cumprimento das atividades solicitadas pelas professoras.

Relataram alguns pré-requisitos para ficar na carinha feliz, tais como: fazer as atividades com capricho, fazer silêncio na hora de contar a história, respeitar os colegas, cuidar dos materiais, organizar a sala.

Perguntei se ainda queriam falar algo, elas sinalizaram que não, então pedi licença para falar e expliquei que não gosto de colocar os nomes dos colegas nem na carinha feliz, nem na carinha triste, porque nossos sentimentos podem mudar a qualquer momento. Tem dias que não estamos atentos aos combinados, outro dia não queremos cuidar do colega, mas isso não poderia ser uma forma de gerar punição ou valorização de um comportamento.

- É mais fácil quando cumprimos os combinados, não acham?

O silêncio foi total. Uma aluna bem comunicativa fala:

- Eu também acho, porque quando não cumprimos os combinados a sala acaba ficando uma bagunça.

- Crianças, os combinados servem para nos entendermos e não precisarmos ficar mostrando no quadro quem está de “parabéns” e quem não está. Ao cumpri-los todos os dias, aprendemos a perceber quando estamos ou não fazendo algo que gostamos ou que achamos que é legal. (Diário de Itinerância).

Este episódio nos remete para a escuta sensível dos sentimentos das crianças diante de dispositivos e atitudes impostas pela escola, até para podermos legitimar outros, que fortaleçam o cuidado e respeito para com ela.

Nesse dia um dos alunos perguntou-me porque estava na cara triste, sendo que não tinha feito nada. Expliquei que na maioria das vezes quando não cumprimos as regras, acabamos respondendo por aquilo, seja de forma positiva ou negativa. Porém, estamos esquecendo que dentro de todo educando existe uma figura que também está aprendendo a cumprir combinados – se estes forem cuidadosamente trabalhados com o grupo - e se esses nem sempre são cumpridos, a punição não será certamente a melhor solução para conscientizá-los.

No decorrer do processo que fomos construindo, eu percebi a importância de ouvir e sobretudo, atender à vontade das crianças. Constatei que quando respeitávamos os combinados que realizava com elas diariamente, nossa comunicação era completa.

Devemos realizar os combinados diariamente e retornar sempre a eles, para que haja uma apropriação e significação dos mesmos. Isso colaboraria para uma relação pedagógica de respeito mútuo. As relações pedagógicas através do respeito devem criar no educador e no educando uma conscientização de humanização, pois o respeito também é constituinte do cuidado.

No âmbito da Educação Infantil, o cuidado ainda é percebido de forma muito restrita, com frequência limitado aos aspectos físicos e corporais, em contraste com a dimensão cognitiva e os processos “educativos” propriamente ditos. Boff cita o pediatra e pensador Winnicott, com sua teoria de base, o *holding*, que se traduz pelo conjunto de dispositivos de apoio, sustentação e proteção, sem os quais o ser humano não vive. “É da essência humana [...] a *care* (o cuidado), que se expressa nestes dois movimentos indissociáveis: a vontade de cuidar e a necessidade de ser cuidado”. (WINNICOTT, apud BOFF, 2012, p. 30).

Afirma ainda Boff (1999, p. 57) acerca do cuidado essencial para com o ser-humano:

Sem o cuidado essencial, o encaixe do amor não ocorre, não conserva, não se expande nem permite a consorciação entre os seres. Sem cuidado não há atmosfera que propicie o florescimento daquilo que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do amor.

O cuidado tem consigo uma ação e emoção, que não pode ser vivenciada com palavras, nem encontrado num manual de instrução acerca de como *cuidar do outro*, pois ele acontece quando primeiro me conscientizo que preciso alegrar-me, proteger-me, respeitar-me, para posteriormente perceber as necessidades do outro e assim supri-las.

Ao buscamos seu significado, vemos que vem do latim *coera*, que significa *cura*. As relações pedagógicas na educação infantil precisam contemplar essa *cura*, através da solidariedade comigo e com o outro. Segundo (BRASIL/MEC, 1998, p.25):

Para cuidar é preciso antes de tudo estar comprometido com o outro, com sua singularidade, ser solidário com suas necessidades, confiando em suas capacidades. Disso depende a construção de um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado.

A criança compreenderá que também tem responsabilidade pelo outro, quando o educador cuidar dela. Se ela em uma determinada situação acaba agredindo a outra criança, pode estar revelando o tipo de cuidado que está habituada a perceber ou receber. Se olharmos pelo lado emocional, ela talvez deva estar gritando por dentro desesperadamente para ser olhada com carinho e atenção.

Por outro lado, se o educador decide castigá-la retirando algo de que ela gosta, acaba afirmando na criança uma incompreensão de si mesma. O educador, agindo dessa forma, desconstruirá o vínculo de harmonia e solidariedade na sala de aula.

Ainda para (BRASIL/MEC, 1998, p. 25):

Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão mais independente e mais autônoma.

As relações pedagógicas que passam pelo cuidado trazem consigo valores que podem ser vivenciados no cotidiano por meio do afeto que temos pelo outro, sendo esse trabalhado em mim, quando decido amar e respeitar. Se pensarmos *primeiro eu preciso cuidar de mim, para cuidar do outro*, abrimos uns lócus de oportunidades para descobertas. Diz Boff (1999, p. 75): “Cuidar do outro é zelar para esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de harmonização”.

Destaco um episódio que contempla as palavras de Boff:

#### **Posso cuidar de você?**

Eu fiquei doente durante três dias e as crianças ficaram super preocupadas, achando que não voltaria. Quando abri a porta para dar aula depois desse período afastada, todos, até mesmo aqueles que têm vergonha de me abraçar, não hesitaram em declarar seu amor. Diante das demonstrações algumas falavam:

W: - Professora, eu pedi pra ligar na sua casa, pensei que nunca mais ia voltar.

L: - Eu estava triste, queria ir na sua casa para cuidar de você.

M: - Tia, te amo, tá boa tia?

N: - Eu achava que nunca mais ia te ver, não fica mais doente, tá?

O: - Professora, eu disse que você estava doente porque nós não cuidamos de você.

P: - Eu trouxe essa flor para você ficar feliz.

Eu: - Crianças, eu fiquei doente porque estava me alimentando mal e as mudanças do clima contribuíram também, mas pensava o tempo inteiro em vocês. Estava morrendo de saudades! Prometo que vou me cuidar.

W: - Se você ficar doente de novo, vou pedir para minha mãe ir na sua casa, para eu cuidar de você.

Eu: - Está tudo bem agora, eu não quero mais ficar doente, porque vocês alegram minhas manhãs.

W: - Natalia, Natalia! Todos começaram a gritar: - Natalia! Natalia!

Eu: - Meninos e meninas, muito obrigada pela preocupação, pelo carinho e cuidado que estão tendo comigo. Vamos fazer um combinado? Eu cuido da minha saúde e vocês cuidam da saúde de vocês, bebendo bastante água, comendo frutas, fazendo esportes e assim todos estaremos na escola todos os dias até o final do ano. Pode ser assim?

Todos: - Sim, professora Helena.

Eu: - Como assim, professora Helena?

M: - Professora, eu falo, essa é a professora da novela e ela é muito carinhosa, legal, cuida das crianças, escuta o que as crianças querem, e você parece com ela, você é tão legal.

Eu: - Se vocês me acham legal é porque vocês colaboram para isso. Quando todos nós cumprimos os combinados, nossa sala fica mais tranquila, podemos perceber o que estamos fazendo e falando. Lembra que semana passada a Marília ficou doente e nós escrevemos cartinhas de carinho para ela? Por que fizemos isso, alguém pode me ajudar nesta missão?

L: - Eu escrevi porque fiquei triste. Ela brinca comigo e me abraça quando estou triste.

E: - Tia, eu gosto dela.

O: - Ela é minha amiga.

Eu: - Estou feliz porque vocês gostam de mim e expressam isso. Gosto quando cumprimos nossos combinados, quando dançamos, brincamos, conversamos. Assim como vocês gostam da Marília e cuidam dela aqui na sala, eu gosto de vocês. Muito obrigada pelo amor que recebo de cada um todos os dias.

Finalizei a aula com lágrimas nos olhos. Saí desestabilizada e sentindo muitos arrepios, porque minha prática tinha dado certo e as crianças tinham sentido o afeto, respeito e carinho que tenho por elas. Claro que não teria conseguido sem a permissão das crianças. (Diário de Itinerância).

Este episódio ilustrativo dessas reflexões marcou minha trajetória como sujeito ativo e educadora em relação as crianças. Sempre trabalhava com elas os valores essenciais para um diálogo na relação pedagógica que potencializam meu apreço por mim e pelo outro, tais como: amor, paz, união, verdade, solidariedade, cuidado, escuta e respeito. Fiquei estupidamente tocada nesse dia, pois constatee

que todas as conversas, abraços, e preocupações, a fim de contribuir para o desenvolvimento delas, tinham tido repercussão.

As crianças a partir, desse dia, começaram a preocupar-se umas com as outras. Quando um colega faltava mais de dois dias, me perguntava se tinha acontecido alguma coisa. Se um colega chorava sem motivo aparente, logo queriam saber o que estava acontecendo. Perguntavam o que eu estava pensando ou sentindo, quando dividiam seus carinhos comigo e com as outras crianças.

Percebi que estava valendo a pena algumas noites sem dormir, pensando no que levaria para elas, como agradecimento por conta desse episódio, porém fui surpreendida com uma criança que em dois anos de convivência com a professora regente e com algumas estagiárias, que haviam passado por ali, decide um dia curar-me com três palavras. O menino, ao se despedir de mim, disse:

*- Eu te amo.*

Poderíamos pensar que essas palavras podem ser um simplismo, mas, para mim fora a libertação e satisfação como resposta aos cuidados que mantive com ele.

Posteriormente relatei essa troca de afeto para mãe dele, e ela muito impressionada, me fala:

*- Natalia, ele não fala, "Eu te amo", para quase ninguém, foram poucas às vezes que o presenciei dizendo essas palavras. Você pode ter certeza que ele gosta mesmo de ti, pois ele tem uma resistência muito grande para se aproximar das pessoas. Eu te agradeço pelo trabalho árduo e atencioso com ele.*

O educador deve estar atento ao educando. Não devemos buscar somente os cuidados que contemplam as necessidades básicas de promoção ao bem-estar, sendo elas: escovar os dentes, cuidar dos materiais escolares, não deixar os pertences pessoais jogados e outras. Esse tipo de cuidado também é importante, mas percebo que nossas crianças, estão cada vez mais, sedentas de um cuidado que se aproxime do afeto e amor.

Sem o cuidado essencial, o encaixe do amor não ocorre, não conserva, não se expande nem permite a consorciação entre os seres. Sem cuidado não há atmosfera que propicie o florescimento daquilo que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do amor. (BOFF, 1999, p.57).

Um educador que desperta no educando essa responsabilidade de cuidar sempre de si e do outro consegue estabelecer laços de amizade e cumplicidade que serão vivenciados durante toda trajetória da vida dessas. Quando assumimos nosso papel de contribuir para a constituição do outro, entendemos que nossa constituição como ser também está sendo trabalhada, respeitada e cuidada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acerca do trabalho presente, podemos concluir que os questionamentos e as reflexões nele abordadas permitem levar o leitor, de forma despretensiosa, a uma reflexão acerca de práticas pedagógicas mais respeitosas na relação professor-criança e criança-criança, contemplando alguns valores e dispositivos que são pertinentes para uma educação dialógica e sensível.

Por meio da escuta sensível, como dispositivo de trabalho pedagógico numa perspectiva inovadora, o professor se sensibiliza com as demandas e expressão do educando, contribuindo assim, para valorização de suas manifestações afetivas, interesses e vontades.

Percebemos que o silenciamento de nossas crianças é uma prática cada vez mais usual no ambiente escolar. Olhando-as como fantoches, o professor julga ter o poder de tudo decidir, de responder por elas, movimentando o processo pedagógico de acordo com a lógica adultocêntrica.

Buscou-se, por meio deste trabalho, ressignificar o respeito e o cuidado nas práticas educativas da educação infantil, mas também compreender como as crianças estão acostumadas a vivenciar essas palavras. Na maioria das vezes, elas não compreendem o que é respeitar ou cuidar, e assim acabam respondendo por aquilo de que não se apropriam, reproduzindo ensinamentos e atitudes a partir de valores e regras impostas pelos seus professores.

Se faz notório que uma prática em que se coloca as crianças à frente de quaisquer conteúdos tem o poder de transformar não somente a realidade escolar, mas também de contribuir para a constituição de um ser humano sensível ao outro.

As experiências vivenciadas nesse trabalho me proporcionaram uma busca pela valorização e expressão do outro. Antes dele não percebia como as crianças buscavam na maioria das vezes um olhar sensível, que oferecesse a elas aquilo que necessitavam no momento: um olhar-escuta respeitoso, um cuidado educativo autêntico.

Busco uma educação que aborda não somente os eixos estruturantes e as propostas ditadas pela instituição. Acredito numa prática libertadora, que possibilita ao educando voar... e pousar sempre que sentir segurança.

### PARTE III



## **PERSPECTIVA PROFISSIONAL**

Minha perspectiva depois da graduação é de ingressar na Secretaria de Educação do Distrito Federal, para construir laços de amor e fidelidade com a educação nas relações interpessoais, formativa e reflexiva no ambiente escolar e fora dele.

Buscarei uma prática que atende as demandas das crianças e que não coloque os conteúdos a frente dos sentimentos e pensamentos delas. Como educadora, desejo realizar com afinco e responsabilidade o ensino, buscando melhorar a qualidade da educação na escola. Acredito numa escola com as crianças e para elas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A *BÍBLIA DE JERUSALÉM*. Português. São Paulo, Sociedade Bíblia Católica Internacional, Paulus, 1995.

AUTONOMIA, Projeto. *Implementação de uma metodologia pedagógica numa escola do Distrito Federal*. Brasília, set. 2010.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Liber livro, 2007.

BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano- compaixão pela terra*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário: na vida, na saúde, na educação, na ética e na espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012. p. 1-287.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília: 2006.

CERQUEIRA, Teresa.C.S; SOUSA, E. M; Escuta Sensível: O que é? Escuta Sensível em Diferentes Contextos Laborais. In CERQUEIRA, Teresa.C.S (Org.). *(Con)Texto em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011.

NUNES, L. S; SOUSA, M. de. F. G; CERQUEIRA, T.C.S; Escuta Sensível do Professor no Contexto da Educação Infantil. In CERQUEIRA, Teresa.C.S (Org.). *(Con)Texto em escuta sensível*. Brasília: Thesaurus, 2011.

Etimologia, Origem da. Disponível em:

<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/respeito>. Acesso em 24 de novembro de 2014, às 11h34min.

FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa e quantitativa. In: *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 39-49.

FREIRE, Madalena. *Educador, educa a dor*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50 ed. re e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

PACHECO, José. *Dicionário de Valores*. São Paulo: Edições SM, 1 ed. 2012.

Disponível em:

[http://porvir.org/wpcontent/uploads/2013/10/Dicionario\\_de\\_Valores.pdf](http://porvir.org/wpcontent/uploads/2013/10/Dicionario_de_Valores.pdf).

PACHECO, José. *Escola da Ponte: Formação e Transformação da Educação*. Petrópolis. Rio de Janeiro: 4. Ed. Vozes 2011.

PIANA, MC. *A construção do perfil do assistente social no cenário educacional* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

REY González, Fernando Luis. *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminho e desafios*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

## APÊNDICES

### DIÁRIO DE ITINERÂNCIA

#### **A borboleta mudará quando passar pelo casulo**

Quando cheguei à escola no começo do ano letivo não tinha noção como seria essa nova jornada. Anteriormente, no período do estágio-supervisionado, tinha convivido com crianças do Ensino Fundamental I, mas agora começaria trabalhar com Educação Infantil. Nesse momento acabei passando por um processo de engessamento durante o período de adaptação desta nova fase.

As crianças nunca tinham ouvido falar em dispositivos pedagógicos como combinados, a palavra de ordem era “regra”. A professora não as deixava à vontade para expressar seus sentimentos, emoções, pensamentos, indagações. Sua conduta inibia a voz e expressão corporal das crianças. Fui tentando desconstruir uma pedagogia autoritária, para tentar construir uma pedagogia sensível que contemplasse valores como respeito e cuidado, juntamente com a escuta sensível.

Comecei a refletir, depois que fiquei dois meses observando calada, acerca de algumas posturas pedagógicas que iam contra as teorias e práticas que defendo e acredito, que contemplam: respeito, cuidado, escuta, solidariedade, responsabilidade e autonomia. Tomei a decisão que na “hora do conto” esse momento fazia parte da rotina nas aulas seria a oportunidade que teria para reinventar práticas pedagógicas de acordo com os interesses das crianças.

No primeiro dia sentei com todas as crianças no chão da sala formando uma roda, elas olharam umas para outras com expressão de estranhamento.

Apresentei para elas o dispositivo pedagógico que poderia colaborar e melhorar nossa convivência, esse chamaríamos de “combinados”. E eles serviriam para expressarmos o que poderia ser feito ou não no cotidiano escolar.

Posteriormente apresentei o dispositivo da “escuta”. Nessa hora eu levantei a mão e pedi licença, sem sucesso. Respirei e como sabia que não seria

possível continuar, tive que alterar um pouco o tom da voz e novamente pedi licença para falar. As crianças entenderam que era necessário um diálogo.

Expliquei que precisávamos aprender escutar, porque cada um tinha algo importante para relatar, porém se todos falassem ao mesmo tempo, ficaria difícil conversarmos. Apresentei minha mão e pedi que cada um apontasse a sua mão na direção vertical e depois começasse a sacudir no ar em movimentos circulares. Sugeri que esse fosse nosso sinal para entendermos que alguém deseja falar e os outros fariam silêncio como resposta. Ao ouvir, todos concordamos e começamos um árduo processo de mudança.

No decorrer das adaptações adotei a frase: - Estamos falando alto. As crianças passaram a significar isso. Muitas vezes quando levantava a mão, algumas gritavam: - Gente, a professora quer falar. Eu sempre levantava a questão que não precisava gritar para que o outro prestasse atenção, era preciso somente perceber o sinal e silenciar, pois com o passar do tempo todos aprenderíamos a silenciar como sinal de respeito ao outro. Continuei explicando: - Assim que todos silenciarem, entendermos que alguém deseja falar e ser escutado.

O processo de mudança estava dando certo, mas não contava com meu abafamento no decorrer deste percurso de implementação. A professora regente acabou voltando da licença maternidade o que contribuiu para esse esfriamento, pois ela chegou com seus métodos tradicionais. Fui conquistando meu espaço, porém ora encontrava liberdade para realizar algumas intervenções, ora encontrava um enfrentamento por indisposição em apoiar-me na execução de algumas atividades e no assumir de outras posturas e valores.

Tinha dias que as crianças ficavam confusas, pois eu escutava e dava liberdade para realizar seus desejos, mas a professora na maioria das vezes começava a interromper com pedidos de silêncio e gritando para que as crianças prestassem atenção. Refleti um pouco sobre os acontecimentos diários e repensei minhas práticas pedagógicas em relação às crianças e até mesmo à postura da professora. Então, decidi realizá-las discretamente: passei um mês neste estado, realizando os combinados sempre que possível e implantando na rotina algo do interesse das crianças, nem que fosse uma conversa informal.

A professora passou a observar minhas intervenções e conscientizou-se que eu não desejava tirar sua autoridade em sala de aula perante as crianças. Percebeu que eu estava ali buscando uma maneira de tornar o ambiente e as

relações interpessoais num espaço que permitia ideias inovadoras, valorizando e respeitando o outro na sua singularidade.

Como explicitado na metodologia deste trabalho, os escritos deste diário-itinerante acontecem todas as semanas, a partir das regências por mim realizada. A proposta inicial dizia que uma vez na semana teria que ministrar uma aula, porém as práticas passaram ser habituais, assim fui conquistando meu espaço na sala de aula, na escola e no coração das crianças. A borboleta estava aprendendo embelezar sua asa dentro do casulo.

### **Doce ou Travessuras? Respeito ou Amargura?**

O dia começou com as crianças devolvendo os cadernos que haviam sido enviados para casa. Essa atividade tinha a finalidade de fechar um projeto que buscava revisitar o passado de seus pais. As crianças descobriram qual era o doce predileto dos pais, as brincadeiras que faziam sucesso, as lendas e histórias contadas por suas avós.

Nós, juntamente com a professora efetiva, descobrimos que os pais das crianças tiveram uma infância regada a carinho e travessuras. Começamos a separar as receitas que os pais escreveram no caderno das crianças e vimos quais seriam possíveis de realizar na escola com as crianças.

A professora me propôs que entrássemos num consenso eu e ela para eleger a melhor receita de doce. Incomodada, questionei com ela o seguinte: - Se os doces são para as crianças, não é mais interessante deixar que elas escolham? Eu sugiro que façamos uma eleição juntamente com elas para decidimos qual doce faremos aqui na escola.

Como todo processo, as mudanças muitas vezes podem ser imprevisíveis e foi que aconteceu: a professora felizmente aceitou.

Antes, ela só trazia o planejamento e executava, agora ela deixou-se surpreender pelo novo que possibilitaria uma relação estreita e respeitosa com as crianças. Após a votação, pensamos na elaboração de um bilhete que solicitaria os ingredientes para confecção do doce, infelizmente neste momento chegou uma notificação da coordenação pedagógica da escola, esclarecendo que íamos ficar alguns meses sem poder realizar culinária na escola.

Ficamos chateadas e a professora acabou dando a notícia aos maiores interessados, as crianças. Todos ficamos tristes, mas, nosso dia de sorte estava disposto a nos ajudar, tivemos a idéia de convidar os pais para brincarem com seus filhos, anteriormente tínhamos confeccionado alguns brinquedos como: pé-de-lata, jogo-da-velha, peteca, bilboquê e amarelinha. Perguntamos para as crianças o que elas achavam de convidarem seus pais para brincarmos juntos. Elas aceitaram adoraram a ideia, então começamos a elaborar o convite para os pais.

### **Doce Infância**

As crianças receberam os pais com uma canção por elas escolhida, chamada “Era uma vez”. Essa música falava sobre um lugar que tudo era feito de chocolate. As crianças estavam animadas para começar a brincar com seus pais. No início fizemos uma roda de conversa para os pais, explicando sobre o projeto que tínhamos desenvolvido no bimestre.

As crianças falaram um pouco de Cândido Portinari trazendo algumas informações de sua biografia. Optamos por esse autor porque a maioria de suas obras retratam brincadeiras e como esse projeto tratava sobre as brincadeiras do tempo de nossos pais, víamos a necessidade de estudá-lo. Posteriormente pedimos para os pais apreciarem as obras feitas pelas crianças e fomos para área verde da escola. Durante as brincadeiras as crianças pediram para seus pais que cuidassem daquelas crianças que os pais não puderam comparecer.

Todos nos divertimos muito, respeitamos as preferências e o tempo de cada um no processo de descobertas e realização das brincadeiras.

As crianças vieram empolgadas nos agradecer pelo dia que passaram com seus pais. Algumas gritavam: - Estou muito feliz, muito, muito, muito feliz. O incrível disso foi a satisfação da professora pelo trabalho desenvolvido, como se não bastasse essas pequenas mudanças chegaram ao conhecimento da equipe pedagógica que elogiaram nossa postura profissional e ética com as crianças e seus pais.

### **Eu sinto, toco e respiro**

A professora saiu da sala e recomendou que se quisesse fazer a “hora do conto”, poderia (nesta hora geralmente ela deixava um livro com história infantil escolhida por ela, mas como toda sugestão podem acontecer alterações em qualquer momento e eu resolvi mudar).

Perguntei para as crianças quem queria realizar a hora do conto levantasse a mão que eu ia contar os votos. E aqueles que desejassem fazer a massagem sacudissem a mão em direção ao teto, para eu verificar o que a maioria desejava.

Combinamos fazer a massagem. Sentamos no chão, eu levantei uma das mãos e a sacudi no ar em movimentos circulares. As crianças entenderam que eu desejava falar e ser escutada.

Eu: - Crianças nós iremos fazer massagem uns nos outros, mas temos que realizar alguns combinados. Quais serão nossos combinados?

A: - Professora temos que levantar e sacudir a mão para falar.

B: - Não pode bater e machucar o outro.

C: - Não pode gritar, tem que ouvir.

D: - Temos que fazer silêncio, para ouvir os comandos.

Eu: - Algo mais que vocês queiram combinar?

Todos: - Não.

Pedi que a criança que estava ao lado direito ficasse posicionada na frente do outro colega, expliquei que no decorrer da massagem o colega não quisesse realizar o exercício, deveríamos respeitar e esperar pelo próximo movimento.

Alguns escolheram brincar com blocos lógicos, outros permaneceram no canto da leitura e a maioria estava alongando-se na roda. Realizamos a massagem com alegria e muitas risadas. Tocávamos as costas uns dos outros, braços, dedos e a timidez, a vergonha ia sendo jogada para o espaço, abrindo espaço para alegria, cuidado e respeito.

Finalizamos com uma roda de conversa e impressões, assim apresentei um dispositivo pedagógico. Sobre dispositivo, segundo Autonomia (2010, p.8):



O dispositivo pedagógico é entendido como o suporte de cultura organizacional específica, sendo considerado, nesse contexto, toda e qualquer manifestação (identificada como rotina, estratégica, material, recurso...) que contribua para a produção, reprodução e transformação da cultura numa determinada comunidade educativa).

Por conseguinte, apresentei um dos dispositivos que é chamado “Gostei/Não gostei”. Ainda para Autonomia (2010, p.8):

É um dispositivo no qual a criança é incentivada a falar sobre o que ocorreu com ele. Se gostou ou se não gostou. As atitudes que incomodam a criança (repreensão ou a agressão, por exemplo) pedem uma expressão que não seja a agressão. No caso, ela é estimulada a verbalizar o “não gostei”, fazendo-a perceber que essa resposta, dentro de um ambiente solidário, é mais eficiente que o apelo para a violência.

Esse dispositivo pedagógico não foi condicionado para ser usado somente quando realizássemos uma atividade não escrita, ele foi utilizado por mim e pelas crianças todas as vezes que olhávamos e percebíamos que algo foi muito bom e/ou não saiu como pensávamos.

Quando não gostamos de algo que foi proposto ou de alguma atitude que o outro fez que causou em mim um sentimento de raiva ou tristeza, seja no momento de uma atividade escrita ou quando me sinto invadido pelo outro independentemente da situação ou do local que nos encontramos.

Quando gostamos, falamos sobre o que deu certo e como me senti ao realizar certa atividade ou algo que fiz para o outro que trouxe alegria e afeto e respeito. Combinei com as crianças que a partir, daquele momento íamos sempre nos expressar quando gostássemos ou não de algo adotado ou feito por alguém, até mesmo por mim. Finalizamos falando sobre a mensagem e o que foi nosso dia.

O interessante deste momento foi perceber que as crianças começaram a olhar e cuidar do outro, suas expressões corporais falavam que estavam gostando do que sentiam quando eram tocadas e tocavam.

A: - Eu não gostei, porque alguns colegas não vieram pra roda, eu não quero mais falar com eles.

B: - Eu não gostei porque algumas vezes começamos gritar.

C: - Eu gostei, porque nunca tinha feito isso.

Eu: - Olha, não é porque alguns dos colegas preferiram fazer outras coisas e nós fizemos a massagem, que devemos tratá-los com desprezo e tomarmos a decisão de não querer falar uns com os outros. Talvez hoje alguns colegas estejam querendo brincar de outra coisa ou até mesmo estão querendo ficar sozinhos, temos que aprender a respeitar o outro e suas vontades. Pode acontecer em outra ocasião a mesma coisa com você e o colega que hoje não realizou essa atividade queira participar. Todos entenderam?

Todos: - Sim. Podemos cantar a música “pintor de Jundiá”?

Eu: - Podemos e depois de cantar iremos sentar nas cadeiras, para fazermos nossa atividade escrita. Eu gostei da forma que vocês participaram da massagem hoje. Estamos de parabéns.

### **Caça- Tesouro**

Minha primeira “regência” foi com uma brincadeira chamada caça-tesouro. Anteriormente tinha combinado com as crianças que nossa semana seria repleta de brincadeiras, pois a temática do semestre era voltada para esses eixos norteadores.

Resolvi levar um caça-tesouro. Comecei a aula 9:30 e a princípio as crianças estavam super empolgadas querendo descobrir o que esperava por elas naquele momento. Nossa conversa inicial foi bastante complicada, porque eu adotei juntamente com elas, o dispositivo de sacudir uma das mãos para, assim, escutar e dar voz ao outro. Eu acabei demorando um tanto de tempo para exemplificar as orientações das atividades, por conta do alto barulho, mas combinamos que íamos silenciar quando fosse para dizer a pista e quando alguém quisesse intervir.

Começamos a desvendar os mapas que foram distribuídos para pequenos grupos conforme os alunos escolheram. As crianças montaram seus grupos pela afinidade que tinham uns com os outros, tínhamos 4 grupos com 5 alunos. E assim nosso caça ao tesouro começou. Me recordo que um dos alunos soltou a seguinte frase:

- Somos piratas de verdade, porque temos um capitão e estamos usando tapa-olho, isso é divertido!

E assim, continuamos lendo as dicas para solucionarmos o mapa. No meio da brincadeira, a professora regente ficava pedindo silêncio o tempo inteiro,

algo que acabou arrefecendo nossa brincadeira. Os alunos começaram a perder todo interesse. Porém, eu sempre retomava nossos combinados, lembrando-os que não necessitavam gritar ou falar ao mesmo tempo em que o outro colega. Então, apresentei a elas o dispositivo das inscrições.

EU: - Crianças, nós iremos fazer inscrições para nos expressarmos quando formos fazer uma conversa que demanda uma participação coletiva.

A: - O que são inscrições?

EU: - Olha, funciona assim, conforme vocês levantarem a mão para falar, eu vou inscrevendo, numa seqüência que começa com 1º e vai até 23º, pois temos 23 alunos. Se o primeiro falou, mas acaba lembrando de algo para acrescentar, terá que esperar acabar a primeira rodada das inscrições para falar novamente.

A: - Entendi.

EU: - Crianças, entenderam? Posso começar a escrever os nomes dos inscritos no quadro?

TODOS: - Pode, querida professora.

Prosseguimos falando do que gostamos na atividade e todos sem exceção gostaram de procurar o tesouro. Conversamos sobre a possibilidade de formar novas palavras, a partir da palavra “tesouro”. Finalizamos essa atividade registrando no caderno as palavras descobertas e desenhando um mapa de indicação ao tesouro.

### **Eu choro, tu choras, nós choramos**

Dia de sol brilhante. Cheguei e fui desenvolver algumas atividades manuais. As crianças estavam brincando e correndo na sala. Depois guardamos os brinquedos e começamos uma atividade sobre a primavera. Distribui uma folha de papel para cada uma delas, íamos construir uma árvore com pedaços de papeis coloridos picados. Estava acompanhando mesa por mesa, quando duas crianças eufóricas, vieram até a mim, falando:

A e B: - Professora, o Emerson está chorando. Quando o avistei, uma multidão de crianças o cercava. Perguntei se ele desejava que seus colegas ficassem ali, ele balançou a cabeça em sinal de negação. Pedi para que os alunos voltassem aos seus lugares, puxei uma cadeira e sentei ao seu lado com a intenção de um possível diálogo. Uma aluna ficou por perto.

Eu: - Emerson o que aconteceu?

Emerson: - Nada.

Eu: - Olha, posso te dar um abraço?

Ainda chorando muito responde: - Pode.

Depois deste abraço ele continuou chorando, eu permaneci em silêncio até ele se acalmar.

Emerson: - Natalia, a Rebeca amassou meu passarinho de papel.

Eu: - Foi sem querer, ela está chateada por ter feito isso.

Rebeca: - Professora, eu já pedi desculpas, achava que era lixo, acabei amassando porque juntei os papéis do chão e esse foi junto.

Eu: - Emerson, vou pegar outro papel, sua colega já lhe pediu desculpas. Não gosto de vê-lo chorar, às vezes fazemos coisas sem querer e acabamos estragando algo ou entristecendo alguém. Você está entendendo?

Emerson: - Natalia, eu entendi. Tá! Rebeca, desculpo.

Eu: - Cadê o sorriso, cadê meu abraço? Quero ganhar abraço dos dois.

Emerson: - Rebeca, eu não gostei, mas sei que foi sem querer.

Rebeca: - Desculpas, eu não gostei de ter feito você chorar.

A turma estava ansiosa para saber como tinha resolvido a situação. Falei que estava feliz pela observação e preocupação que tiveram com Emerson, porém existem momentos de tristeza em que precisamos ficar sozinho. Seria bom que respeitássemos a vontade do colega quando isso acontecesse. Na maioria das vezes precisamos chorar, chorar, chorar e depois sorrir, assim esquecemos a situação que nos trouxe algum incômodo.

### **Respeitar, olhar, esperar!**

O dia começou com muita agitação, as crianças voltaram do final de semana com histórias sobre seus passeios. Estava recortando uns papéis e um aluno veio conversar comigo sobre o homem-aranha. Este menino necessita de cuidados educacionais especiais. Ele relatou que seu nome era José o cavalheiro, e que ele tinha que subir as montanhas.

Eu olhei atentamente e expliquei que os cavalheiros também faziam atividades e que estudam nas escolas dos cavalheiros. Continuei pedindo que ele imaginasse que ali era uma escola de cavalheiros e que ele estava numa aula

divertida. Nada feito, ele continuou negando meu pedido, repetindo varias vezes a palavra “nunca”.

Eu: - José, vamos lá, eu vou ajudar você a realizar essa missão.

José: - Nunca, eu sou um cavalheiro, nunca, nunca.

Eu: - Vamos fazer um desenho então, só o desenho.

José: - Nunca, nunca, nunca.

Ele então foi para debaixo da mesa, puxou as cadeiras e ficou lá por algum tempo. Algumas crianças observaram a atitude do colega e insistiram para que ele saísse debaixo da mesa. Nada feito. Eu intervi e pedi que o deixassem ficar um pouco sozinho, porque ele precisava relaxar um pouquinho.

Depois de quinze minutos ele saiu debaixo da mesa e resolveu desenhar sem que eu fizesse nenhum pedido sobre a atividade. Ele me explicou que dentro do castelo tinha um rato que corria atrás do cavalheiro e que seu nome não era José cavalheiro, era só José.

Eu pedi que copiasse o pequeno texto e ele resistiu dizendo que não ia, e foi brincar com um brinquedo que estava no armário, mas esse brinquedo pertencia à turma da tarde. Fui até ele e falei diversas vezes que aquele armário não era nosso e que ele poderia brincar com nossos brinquedos, pois a professora do turno vespertino não ia gostar se encontrasse o brinquedo estragado ou alguma coisa do armário dela fora do lugar.

Ele saiu correndo e não me ouviu. Respeitei seu estado de negação, porém ele pegou o brinquedo e começou a estragar, tive que tomar o brinquedo. Essa tarefa não foi nada fácil, primeiro porque estava indo contra meus princípios e segundo porque o José se jogou no chão e agarrou com as mãos minhas duas pernas. Não tinha como sair daquela situação. Respirei! Os alunos vieram com gosto de gás e gritavam:

- Vamos ajudar a tia, vamos ajudar a tia, solta ela José!

Como fiquei com medo das crianças o machucarem, pedi que não fizessem aquilo, que o José só estava precisando ficar um pouco calmo. Passei um pouco mais de dez minutos falando com as crianças e José agarrado às minhas pernas. Ele tomou a decisão de ir sentar no seu lugar, eu o deixei livre e não fiz alusão ao acontecimento. As crianças esperavam que eu colocasse o nome do José no “rostinho triste” para ele ficar sem brincar no parque, mas não fiz isso, pois acredito que assim um constrangimento.

### **Estou triste, estou feliz! Afinal o que foi que eu fiz?**

Um dos dispositivos punitivos adotado pela professora é o uso da “carinha triste” e da “carinha feliz”. Eu não concordo com esse dispositivo, porque ele acaba fazendo que as crianças fiquem com medo de ficarem sem ir ao parque. Vejo-o com uma forma de oprimi-las, deixando-as numa posição de submissão, sem ao menos dialogarem sobre o que fizeram. Todos os dias, depois da roda inicial a professora vai ao quadro e desenha essas duas carinhas. Algumas ameaças são feitas durante as aulas, a fala da professora sempre acontece em tom ameaçador e punitivo.

Um dos episódios com esse dispositivo que chamou minha atenção foi quando quase todos os nomes estavam na carinha triste, só faltava o nome de dois alunos para completar essa lista. Eu observei a expressão facial e corporal das crianças depois que a professora havia escrito os nomes. Algumas delas estavam curvadas e com olhar triste, outras faziam de conta que não estava acontecendo nada e ainda outras estavam conversando normalmente com expressão de não estar dando tanta importância ao que estava vendo.

Analisei cuidadosamente as expressões e respirei fundo porque algo no olhar delas me silenciava e trazia uma tristeza ao meu coração. Nesse momento eu fiquei mais triste do que as crianças, porque não aceitava puni-las tirando algo que elas mais apreciavam durante o dia. Esperei a professora ausentar-se e perguntei se elas desejavam conversar sobre aquela situação.

Para minha surpresa, elas permaneceram em silêncio, até que a primeira começou a falar. Relatava que estava triste porque não sabia como seu nome tinha ido parar na carinha triste. Outra me perguntou se iam ao parque ainda. Expliquei que também não concordava com esse método, mas o dia estava sendo complicado porque os combinados não estavam sendo cumpridos, que tanto eu como a professora pedimos várias vezes que fizessem silêncio para escutar o outro. E outra aula continua a conversa:

- A professora não tem culpa nenhuma, porque hoje nós todos descumprimos os combinados. Ela só ficou um pouco nervosa com a situação porque não foi atendida quando pediu atenção, e o resultado foi esse que estar no quadro. Eu anunciei:

- Eu gostaria de saber o que cada um sente quando está na carinha triste ou na carinha feliz. Quem for falar lembre-se dos nossos combinados um de cada vez, por favor.

Ouvi todos os alunos, deixei-os expressarem suas emoções, sensações e sentimentos. Todos sem exceção relataram que, ao ver seu nome no rostinho triste, sentem que o coração fica pequeno e o que fica triste por não poder ir brincar no parque.

Quando elas vêem seu nome na carinha feliz, além de terem a certeza que vão brincar no parque, têm a satisfação de falarem para seus pais que cumpriram os combinados, porém associam o rosto feliz com atividades solicitadas pelas professoras. Relataram alguns pré- requisitos para ficar na carinha feliz, tais como: fazer as atividades com capricho, fazer silêncio na hora de contar a história, respeitar os colegas, cuidar dos materiais, organizar a sala.

Perguntei se ainda queriam falar algo, elas sinalizaram que não, então pedi licença para falar e expliquei que não gosto de colocar os nomes dos colegas nem na carinha feliz, nem na carinha triste, porque nossos sentimentos podem mudar a qualquer momento. Tem dias que não estamos atentos aos combinados, outro dia não queremos cuidar do colega, mas isso não poderia ser uma forma de gerar punição ou valorização de um comportamento.

- É mais fácil quando cumprimos os combinados não acham?

O silêncio foi total. Uma aluna bem comunicativa fala:

-Eu também acho, porque quando não cumprimos os combinados a sala acaba ficando uma bagunça.

- Crianças, os combinados servem para nos entendermos e não precisarmos ficar mostrando no quadro quem está de “parabéns” e quem não está. Ao cumprimo-los todos os dias aprendemos a perceber quando estamos ou não fazendo algo que gostamos ou que achamos que é legal.

### **Não me olhou quando falei**

Camila chegou cheia de histórias dos acontecimentos vividos no final de semana, veio me abraçou fortemente e saiu puxando minha mão até uma cadeira. Sentei e ela começou a falar:

Camila: - Professora, sabia que falei para minha avó que estamos trabalhando sobre o que as avós fazem?

Eu: - Legal!

Naquela hora desejei não olhá-la e fazer de conta que não estava tão interessada na conversa. Cheguei a conclusão que deveria conscientizá-la da importância de olhar as pessoas e escutá-las atentamente, o que ela estar acostumada fazer.

Camila: - Falei do livro que a senhora leu, que tem avós que usam sapatos, outras que andam devagar, outras que correm.

Eu com o rosto direcionado para chão: - E sua avó gostou?

Camila: - Olha, não quero falar mais não.

Ela sai triste. Observei atentamente seu caminhado, ela sentou na cadeira e ficou lá pensativa. Esperei um tempo e chamei-a.

Eu: - Porque você não quis mais falar sobre sua avó?

Camila: - É porque a senhora não tava gostando, a senhora não olhou para mim.

Eu: - Senta aqui, você percebeu que quando não olhamos para o outro, acabamos deixando ele triste ou sem interesse de conversar com a gente. A forma que você se sentiu, é como que muitos dos seus colegas sentem-se quando eu não dou a devida atenção. Devemos aprender olhar as pessoas, e demonstrar que estamos gostando ou não do que elas nos falam.

Camila: - Eu fiquei triste, porque passei o final de semana pensando como ia falar.

Eu: - Eu fiz isso porque quis, desculpas. Eu observei que muitas vezes você acaba interrompendo algum colega na hora que ele deseja conversar e o colega fica como você, triste. Vamos fazer um combinado? Todas às vezes que você desejar falar comigo ou com qualquer outra pessoa, vamos esperá-la falar para depois respondermos o que ela relatou?

Camila: - Tia, eu desculpo, gosto de você. Tá combinado.

Eu: - Posso te lembrar disso, quando você esquecer que deve dar atenção ao colega?

Camila: - Pode.

Eu: - Então me dá um abraço e vamos brincar de jogo da velha.

Abraçamo-nos e chamamos mais algumas meninas para brincar conosco.



## **Você nos entende Porque brigamos?**

Tínhamos voltado do lanche e as crianças foram escovar os dentes. Algumas já haviam retornado para sala, e estavam dançando, gritando, correndo, derrubando os brinquedos, brincando de lulinha. Eu os deixei livres, até que um veio me relatar que o outro tinha lhe batido. Pedi a fala, sem sucesso nenhum, eles nem repararam em mim. Fiquei com a mão levantada bastante tempo.

A professora chegou e usou um apito para que as crianças fizessem silêncio. Ela ausentou-se e me recomendou que colocasse o nome de cinco crianças no rosto triste. Infelizmente tive que colocar, pois não poderia passar por cima da sua autoridade. Ela pediu que todos ficassem em silêncio e com a cabeça baixa, pois ela ia sair e depois de algum tempo retornaria.

Esperei ela sair e pedi que os alunos comesçassem a falar porque estavam agindo daquela forma comigo, desrespeitando minha presença e desrespeitando a fala do colega e ainda porque só faziam isso comigo. Silêncio absoluto. Então expus que estava bastante triste, pois os nossos combinados não estavam sendo cumpridos. E indaguei-os: - Vocês podem me responder a seguinte pergunta? Por que quando a professora grita vocês obedecem e quando eu deixo vocês à vontade, a maioria resolve correr na sala, bater os colegas, brincar na hora da atividade e conversar alto?

Continuaram em silêncio até que brilhantemente um aluno levanta e diz bem alto:

- É porque você não é brava e porque você na escuta, você dança conosco.

Eu fiquei sem argumentos nenhum para aquela exposição. Outro ainda completou:

- Você deixa nós fazermos o que queremos, você faz massagem com nós, brinca de futebol, corre com a gente, brinca de pé-de-lata.

Continuei: - Crianças, eu deixo vocês fazerem tudo isso quando nós cumprimos os combinados e às vezes quando não cumprimos os combinados eu ainda penso e acabo cedendo algumas coisas, pois acho que naquele dia você pode ter acordado um tanto diferente, sabe. Diferente na maneira de querer se relacionar comigo e com o colega.

Uma aluna pergunta:

- Por que você não grita?

Eu respondi: - Porque gritar vai causar mais barulho e aí não iremos nos entender nunca. Eu não gosto de gritar porque respeito e cuido da audição de vocês também, eu não gosto quando gritam comigo. Aquilo que não aprovo que façam comigo, eu não quero fazer com vocês. Desejam continuar com os combinados ou querem cumprir as regras?

Um aluno, em defesa da turma, responde:

- Queremos continuar com os combinados. Sabe Natalia, quando a professora diz que quebramos as regras, ficamos sem o parquinho.

Ouçoo atentamente e respondo: - Olha, eu acho mais fácil quando combinamos, assim eu sei o que vocês querem realizar e respeitar naquele dia.

Todos vieram correndo para me abraçar e falaram:

- A gente te ama, mesmo gritando.

### **Tenho um segredo, posso contar?**

Henrique chegou e sentou-se ao meu lado. Estava com a cabeça baixa, algumas lágrimas nos olhos. Fiquei em silêncio. Ele vem, me abraça e diz que tem um segredo para me contar. Perguntei o que era, ele relatou que sua mãe tinha brigado com seu pai, e que seu coração estava doendo.

Falei que quando somos adultos discutimos com quem amamos porque pensamos diferente do outro algumas vezes.

-Aqui na sala você, às vezes vem-me dizer que não gosta quando um colega te trata mal. Assim aconteceu com seus pais, eles

devem ter falado algo que não foi agradável um para o outro, mas eles se amam e amam você também.

Ele, ainda triste, insiste: - Mas tia, minha mãe disse que eu sou chato.

Eu com olhar contrito, respondo: - Henrique, quando ficamos chateados com alguma coisa, acabamos falando o que não queremos, é como numa brincadeira. Lembra que no outro dia o Ricardo te machucou sem querer quando vocês estavam jogando futebol? E aí você disse que ia desculpá-lo porque ele correu e não te viu e acabou te machucando sem querer? Com seus pais também aconteceu assim, eles acabaram falando algo que não queriam, mas eles vão pedir desculpas um para outro. Vamos fazer assim, você fica um pouco quieto hoje, não precisa falar nada disso para ninguém, será nosso segredo.

- Tia eu te amo, sabia, a senhora me ama?

-Eu te amo também. Vou guardar nosso segredo. Amanhã será um dia de sol radiante e eu quero ver você sorrindo. O que você acha de falar para o papai e para mamãe que não gostou da discussão deles, mas que os ama? E amanhã conversamos de novo.

No outro dia ele veio todo feliz, disse que seus pais não brigaram e que eles só estavam um tanto chateados e nervosos por conta do trabalho.

-Tia te amo, obrigado tia. Posso ver se tá cheirosa?

Eu, com lágrimas nos olhos, respondo: - Pode, cuidado para não tirar o cheiro todo. Henrique: - Hum, tá cheirosa tia, tá linda hoje.

A emoção tomou conta do meu ser, senti uma angústia no dia do acontecido, depois senti sensação de missão cumprida.

### **Posso cuidar de você?**

Eu fiquei doente durante três dias e as crianças ficaram super preocupadas, achando que não voltaria. Quando abri a porta para dar aula depois desse período afastada, todos, até mesmo aqueles que têm

vergonha de me abraçar, não hesitaram em declarar seu amor. Diante das demonstrações algumas falavam:

W: -Professora, eu pedi para ligar na sua casa, pensei que nunca mais ia voltar.

L: -Eu estava triste, queria ir na sua casa para cuidar de você.

M: - Tia, te amo, tá boa tia?

N: - Eu achava que nunca mais ia te ver, não fica mais doente, tá?

O: - Professora, eu disse que você estava doente porque nós não cuidamos de você.

P: - Eu trouxe essa flor para você ficar feliz.

Eu: - Crianças, eu fiquei doente porque estava me alimentando mal e as mudanças do clima contribuíram também, mas pensava o tempo inteiro em vocês. Estava morrendo de saudades! Prometo que vou me cuidar.

W: - Se você ficar doente de novo, vou pedir para minha mãe ir na sua casa, para eu cuidar de você.

Eu: - Está tudo bem agora, eu não quero mais ficar doente, porque vocês alegram minhas manhãs.

W: - Natalia, Natalia! Todos começaram a gritar: - Natalia! Natalia!

Eu: - Meninos e meninas, muito obrigada pela preocupação, pelo carinho e cuidado que estão tendo comigo. Vamos fazer um combinado? Eu cuido da minha saúde e vocês cuidam da saúde de vocês, bebendo bastante água, comendo frutas, fazendo esportes e assim todos estaremos na escola todos os dias até o final do ano. Pode ser assim?

Todos: - Sim, professora Helena.

Eu: - Como assim, professora Helena?

M: - Professora, eu falo, essa é a professora da novela e ela é muito carinhosa, legal, cuida das crianças, escuta o que as crianças querem, e você parece com ela, você é tão legal.

Eu: - Se vocês me acham legal é porque vocês colaboram para isso. Quando todos nós cumprimos os combinados, nossa sala fica mais

tranquila, podemos perceber o que estamos fazendo e falando. Lembra que semana passada a Marília ficou doente e nós escrevemos cartinhas de carinho para ela? Por que fizemos isso, alguém pode me ajudar nesta missão?

L: - Eu escrevi porque fiquei triste. Ela brinca comigo e me abraça quando estou triste.

E: - Tia, eu gosto dela.

O: - Ela é minha amiga.

Eu: - Estou feliz porque vocês gostam de mim e expressam isso. Gosto quando cumprimos nossos combinados, quando dançamos, brincamos, conversamos. Assim como vocês gostam da Marília e cuidam dela aqui na sala, eu gosto de vocês. Muito obrigada pelo amor que recebo de cada um todos os dias.

Finalizei a aula com lágrimas nos olhos. Saí desestabilizada e sentindo muitos arrepios, porque minha prática tinha dado certo e as crianças tinham sentido o afeto, respeito e carinho que tenho por elas. Claro que não teria conseguido sem a permissão das crianças.

### **Meu final de semana**

Retirei as crianças da sala e levei para outra sala que contém um espaço para leitura. Pedi que todas sentassem e expliquei que íamos conversar sobre nosso final de semana. Geralmente realizamos essa atividade todas as segundas-feiras, mas não tinha dado tempo e tivemos que fazê-la na terça-feira. As crianças demoraram um pouco para entrar na roda, tive que relembrar alguns combinados sobre escutar o outro.

W: - Professora, hoje você pode ler esse livro, por favor, por favor, por favor?

Eu: - Nós viemos para cá na intenção de falarmos sobre o final de semana, mas podemos fazer um combinado e guardar como segredo na caixinha do coração, pode ser? O combinado é o seguinte: - Eu vou ler o livro que vocês estão querendo e quando voltarmos para sala ninguém fala para professora. Ao chegarmos lá iremos desenhar sobre o final de

semana. Pode ser assim? Tá combinado? Alguém quer dar outra sugestão?

L: - Professora, podemos guardar esse segredo. Né meninas?

Meninas: - Sim, querida professora.

O: - Os meninos também, professora.

Contei a história escolhida por eles, mas tive que ficar em silêncio algumas vezes pelo barulho excessivo, até que as crianças começaram a olhar umas para outras com expressão de reprovação pelo comportamento de alguns colegas. Teve um momento que fiquei por muito tempo em silêncio, esperando as crianças acalmarem o coração.

E uma delas olham para seu melhor amigo ali que estava e disse:

H: - Guilherme, a professora está em silêncio, você não está cumprindo os combinados e eu quero escutar a história. Fomos nós que escolhemos.

Esse aluno que chamou atenção do outro, não se importou que ele fosse seu melhor amigo, teve a conscientização e respeito por aquilo que foi combinado.

Eu: - Continuando.

Ouçou um grito: - Eu too com medo, muito medo dessa história.

Perguntei: - Você quer ficar aqui ao meu lado?

K: - Eu tenho medo de escuro.

C: - Professora, pode deixar eu fico abraçada com ele.

Eu: - Vem aqui, Augusto, não precisa ter medo, sua colega ficará ao seu lado cuidado de você e segurando sua mão para você perder o medo.

K: - Tudo bem, mas eu ainda too medo, muito medo.

Eu: - Crianças como o colega está com medo, acho melhor finalizarmos.

J: - Não, tia, por favor.

Eu: - O que podemos fazer?

K: - Professora, eu quero ir brincar ali, pode?

Eu: - Eu ia voltar para sala porque você está com medo. Posso continuar?

K: - Professora pode, eu vou ler o livro do cavalheiro.

Finalizei a história fazendo uma roda de “gostei” e “não gostei”. As crianças gostaram de guardar nosso segredo e também porque eu atendi aquilo que elas pediram. E não gostaram porque alguns colegas atrapalharam na hora de conta a história.

### **Sol?**

Começamos a semana falando sobre o sistema solar, pois tínhamos ido ao Planetário de Brasília. As crianças expressaram seus sentimentos de alegria e emoção pelo que assistiram. O vídeo falava de uma viagem pelo sistema solar.

Hoje é dia que dou regência, decidi levar curiosidades sobre alguns planetas. Primeiro pedi que fizéssemos os combinados, pois alguns estavam bem dispersos.

Combinamos que levantaríamos a mão para falar, escutaríamos os colegas e a professora e íamos fazer silêncio para ouvir os combinados.

Resolvi subir em cima da mesa para explicar sobre o movimento de rotação e translação. A expressão das crianças me assustou, eles olharam com reprovação no primeiro momento. Mas depois acharam divertido eu dando aula de pé em cima da mesa.

Eu: - Crianças, por que quando eu subi na mesa, vocês me olharam com cara de assustados?

N: - Professora, eu nunca vi isso, e também porque se a outra professora chegar ela vai brigar com você.

Eu: - O que mais?

U: - Eu achei estranho.

Eu: - Por que estranho? Só porque eu não resolvi escrever no quadro? Vocês querem que eu escreva no quadro?

W: - Professora, na verdade eu gostei, achei louco.

Q: - Eu não quero escrever no quadro, quero ficar assim.

R: - E se a professora chegar?

Eu: - Crianças, a outra professora dá a aula do jeito dela. Na hora da atividade vocês fazem do jeito de vocês ou do jeito que eu e a professora pedimos?

R: - Nós fazemos do nosso jeito.

G: - Faz do seu jeito.

Eu: - Esse foi meu jeito de dar aula hoje.

Continuei explicando sobre os movimentos, no final sugeri que fizéssemos pesquisas sobre o planeta que desejaríamos conhecer melhor, e cada criança escolheu seu planeta e sua dupla.

Finalizamos com elogios, elas falaram que gostaram muito de olhar o Sol em cima da mesa. Eu parabeneizei todos pelo envolvimento na atividade, pelo respeito que tiveram na hora da explicação e por não descumprirem os combinados. Falei que tinha uma surpresa lá na área externa da escola.

Fomos todos para área externa, chegando lá, peguei os boliches e fomos brincar. As crianças adoram a surpresa.

### **Professora, você está de parabéns!**

Semana das crianças na escola. As professoras elaboraram uma programação divertida que atendesse as brincadeiras e atividades que as crianças gostaram. Eu elaborei uma peça de fantoches para a escola inteira.

As crianças vieram para sala de vídeo e quando chegaram ficaram maravilhadas com o cenário. Fiz uma readaptação da história de “João e Maria” e as envolvi no que falava.

Relatei sobre os direitos das crianças e o que toda criança poderia ser. No final recebi diversos aplausos e a admiração das crianças que vieram dizer:

L: - Professora, muito obrigada, amei.

K: - Gente, é a tia Natalia, eu conheço essa voz, adorei a peça. Professora, parabéns.

U: -Tia Natalia, tia Natalia, ta linda tia.

H: - Você é a melhor professora do mundo.



E: - Te amo, tia.

Agradei todos os elogios e finalizei dizendo que a escola só será feliz, quando todas as crianças amarem umas às outras e aprenderem a respeitar o espaço do outro. Fui puxada pelas crianças para ir dançar no pátio da escola. Um dos alunos da outra turma veio até a mim e falou:

S: - Tia Natalia você pode ser minha professora? Você é legal. Eu, com lágrimas nos olhos, respondi que infelizmente não poderia, mas que poderíamos nos ver todos os dias.

Voltei a dançar com os meninos, tiramos muitas fotos, brincamos com balões, vestimos fantasias, foi uma manhã divertida. Depois os encaminhei para sala e perguntei o que acharam das atividades. Todas começaram a gritar e a pular de alegria.

Agradei pela colaboração na hora da história e por terem animado minha manhã. Falei que estava muito feliz e que tinha sido maravilhoso dançar, pular, correr com cada uma delas. Pedi que guardássemos esse dia para sempre no nosso coração.

Finalizei o dia dando um abraço em cada uma delas, olhando nos seus olhos e expressando o quanto lhes queria bem.

